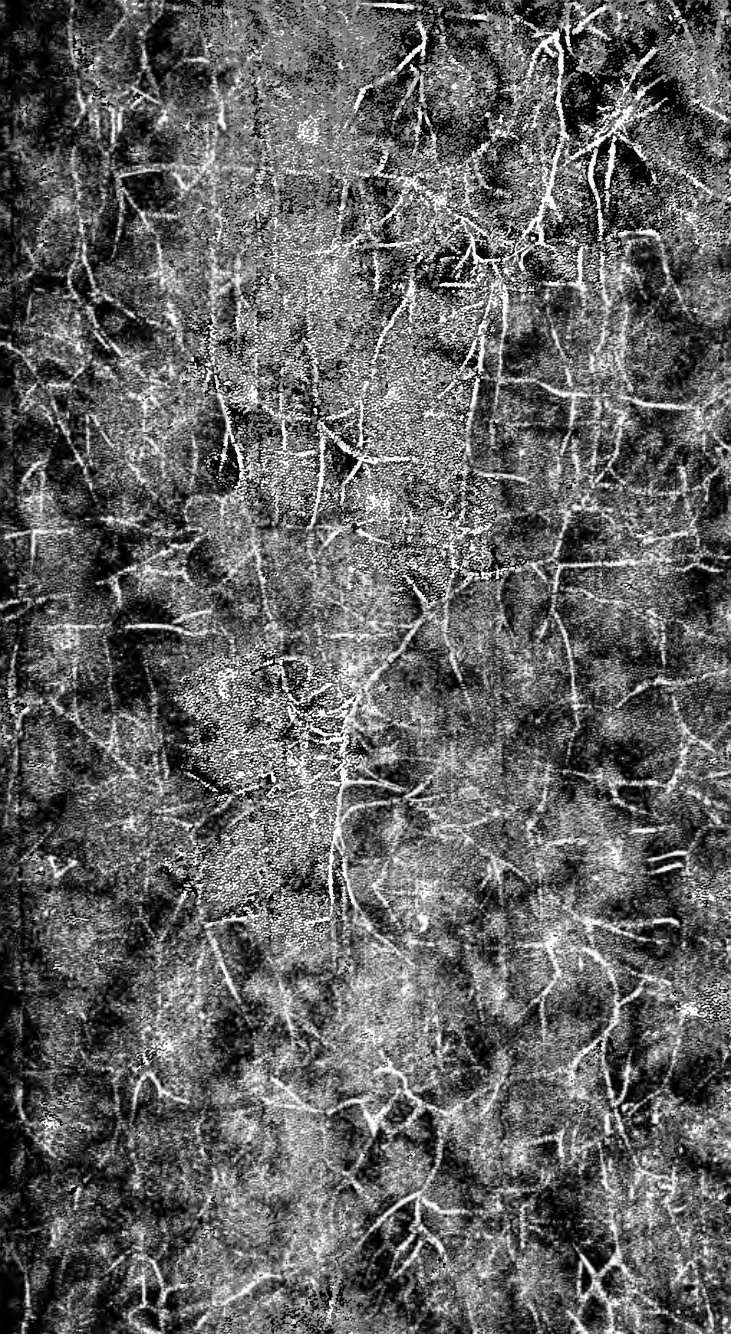


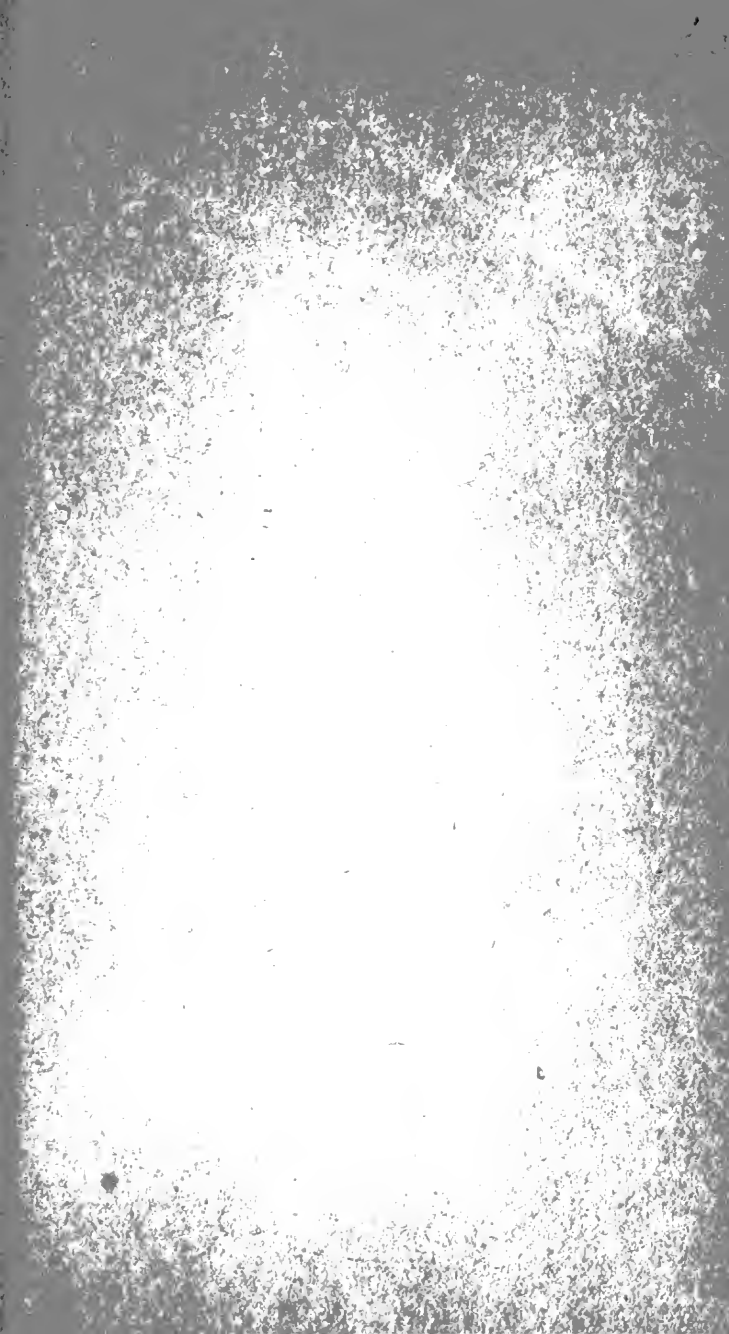


3 1761 06976997 4











OBRAS  
DE  
MACEDO PAPANÇA  
CONDE DE MONSARAZ

DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

*Catharina d'Athayde—1880-1886*  
*Telas historicas*



LISBOA  
M. GOMES, EDITOR  
LIVREIRO DE SUAS Magestades e Altezas  
RUA GARRETT (CHIADO), 70-72  
M DCCC XCV





Ho Senhor Carlos Abreu  
off. <sup>de</sup> Com muita Considera-  
ção o

OBRAS  
DE  
MACEDO PAPANÇA

II

onde de mouzares

---

LISBOA—IMPRESA NACIONAL—1895

---

OBRAS  
DE  
MACEDO PAPANÇA  
CONDE DE MONSARAZ

DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

*Catharina d'Athayde—1880-1886*  
*Telas historicas*



LISBOA  
M. GOMES, EDITOR  
LIVREIRO DE SUAS Magestades e Altezas  
RUA GARRETT (CHIADO), 70-72  
M DCCC XCV

PQ

9261

M643 Ab

1895

LIBRARY

AUG

9

1895

Á MEMORIA

DE

LUIZ DE CAMÕES



CATHARINA D'ATHAYDE





## PRIMEIRO CANTO



I

NO TEMPLO





I

NO TEMPLO

---

É SEXTA feira santa. No ataúde  
O Christo dorme o somno de trez dias  
Que o ha de transformar n'um Deus—a pomba  
Que o vôo ergueu das podridões da terra  
Ao manso azul dos páramos celestes.

Ao lado, a mãe n'um tragico silencio,  
Immovel, desgrenhada, estende os braços  
Entre a humanidade palpitante  
E o cadaver do filho que perdêra.  
No cimo do Calvario ergue-se o lenho  
Entre as accesas tochas funerarias  
E os vasos d'onde as flores desbotadas  
Vão desprendendo as petalas já murchas;  
O incenso ergue-se em nuvens fluctuantes,  
E desfaz-se na abobada sombria.  
Por toda a parte os crepes, como brumas  
D'uma noite de inverno erma e gelada.  
Ouve-se o vento a psalmodiar lá fôra  
N'um biblico gemer severo e triste;  
E dentro, como um còro subterraneo,  
O sussurro das rezas vagarosas.

Camões está no templo, entre os fidalgos  
Do sequito d'el-rei D. João III.  
De pé, em toda a linha esculptural  
Da sua gentilissima estatura,  
Com a cabeça alevantada e firme  
Sobre os hombros athleticos, a fronte  
Sombria e carregada de tristezas,  
Tinha o vigor das tragicas figuras,

---

Que Vinci e Miguel Angelo crearam  
Na agitação febril da Renascença.  
Defronte na tribuna reza a infanta  
Filha de D. Manuel, e em torno as damas;  
Lembra a Madona que se evola em nuvens  
Sorrindo n'uma tela florentina  
Cercada d'anjos loiros e suaves.

Entre as damas do paço da Ribeira  
Estava Catharina d'Athayde.  
Tinha quinze annos; era esbelta e loira  
Como as visões do perfumado Oriente;  
Sorria-lhe no azul dos olhos bellos  
A ingenua castidade, embora ás vezes  
Qualquer vaga tristeza os assombrasse,  
Nuvens que pairam sobre as aguas mansas  
Quando as alegre e doira o sol nascente.  
O coração do poeta palpitava  
Sob esse peito forte de guerreiro  
Que mais tarde nas pugnas africanas  
O havia de escudar vestido d'aço,  
E aos olhos d'ella enamorado erguia  
O seu enorme espirito, assim como  
Se erguem do oceano as ondas irrequietas  
Ao vasto azul do espaço illimitado...

Os padres de Jesus, em voz soturna,  
Entoavam no côro as harmonias  
Dos psalmos sepulcraes de Orlando Lasso,  
Ao som de um orgão velho e gemebundo,  
Vibrado pelas mãos emmagrecidas  
D'um pallido Jesuita.

Catharina,  
Desviando de Deus os olhos d'alma,  
Fitava-os no poeta apaixonado,  
E phantasiava o encanto, a galhardia,  
Com que elle, um cavalleiro destemido,  
Apertada nos seus robustos braços,  
A levaria um dia sobre a sella  
D'um fogo corcel na desfilada;  
Ante-escutava os versos caprichosos  
Que ao ouvido, na côrte, os labios d'elle  
Lhe haviam de dizer baixinho, a ponto  
De ella os guardar no coração tranquillo,  
D'onde ninguem lh'os arrancasse nunca...  
E perdida na doida phantasia  
Deixava-se ir atraz d'um sonho vago,  
Como as rissonhas, candidas creanças  
Que após a flor levada na corrente  
Se arrastam e se perdem na voragem  
D'uns abysmos revoltos e profundos.  
E distrahidamente olhava o Christo,



Inanimado e frio sobre o esquite,  
Aspirava do incenso o casto aroma  
E o perfume da flor do rosmaninho, /  
E ouvia os psalmos tristes e chorosos,  
Entoados no còro pelos padres  
N'uma funerea voz, soturna e baça...

Amava e era amada... Amor funesto,  
Amor que a morte esmagaria em breve,  
E que brotava alli ante um cadaver,  
D'um mosteiro na fria magestade,  
Ao som dos responsorios da agonia!





II

ENTRE AS ROSAS





## II

### ENTRE AS ROSAS

---

**E** ESSE amor, essa paixão,  
Como um vinho envenenado  
Que enche um crystal delicado,  
Enchia-lhe o coração.

E a perfumada poesia  
D'aquelles castos amores,  
Serena luz que irradia  
N'um prisma de finas cores,  
Tão descuidosa corria,  
Tão repassada de esp'ranças,  
Como um bando de creanças  
Sobre um tapete de flores.

Havia nada mais santo  
Nem coisa mais deliciosa  
Do que o suavissimo encanto  
D'aquelle amor côr de rosa?  
Amor que o germen encerra  
De tudo o que é nobre e grande;  
Sol que entre nuvens se expande  
E innunda de luz a terra.

Mal vinha rompendo a aurora  
Já ella, pallida, inquieta,  
Julgava escutar lá fóra  
A voz triste e apaixonada  
Do seu cantor, do seu poeta;  
E debruçada do leito,

---

Tremula, fria, nervosa,  
Sentindo dentro do peito  
O coração palpar  
De infantil contentamento,  
Punha-se então a escutar...  
... Mas que amargo desalento,  
Que funda melancholia!  
Pobre creança! o que onvia  
Eram as queixas do vento  
E as ladainhas do mar!

Que dois affectos os seus!  
N'um sobresalto constante,  
Se acaso pensava em Deus  
Pensava tambem no amante.

Era um culto singular:  
Erguêra, sorrindo, aos dois  
No coração um altar,  
Onde á tarde os rouxinoes  
Se vinham pôr a cantar.

Ella dissera baixinho  
Um dia ao seu confessor

A suavidade, o carinho  
D'aquelle innocente amor ;  
E o padre é certo que havia  
Um tal amor prohibido ;  
Mas então já não podia,  
Já lhe faltava a coragem  
Para apagar do sentido  
O encanto d'aquella imagem !

E depois da penitencia,  
Ao tomar a communhão,  
Chorava, por ver que tinha  
Mais inquieto o coração,  
E mais tranquilla a consciencia !





III

## PRESENTIMENTOS





### III

## PRESENTIMENTOS

---

N'UMA noite d'abril a branca flor do luar  
Abrindo na amplidão as petalas macias  
Pulverisa de luz as solidões do mar.

Agitam-se ao de leve as arvores sombrias,  
E as ondas sobre o caes morrem despedaçadas  
No lugubre estertor das lentas agonias.

O orvalho enche de pranto as rosas inclinadas,  
Os cravos e os jasmims embalsamando os ares;  
Cantam os rouxinoes na sombra das ramadas.

Como flocos de neve, os brancos nenuphares  
Sobrenadam á flor dos lagos preguiçosos;  
Branquejam nos beiraes pombas dormindo aos pares.

Tremeluzem no azul os astros lacrimosos;  
Exalta o pensamento em extranhas suggestões  
A sombria viuvez dos templos silenciosos.

Na esteira do luar o vulto de Camões  
Destaca-se; contempla as mudas gelosias  
Do palacio d'el-rei; tristes apprehensões

Condensam-se-lhe na alma; aladas phantasias,  
Sonhos leves do amor, aspirações altivas,  
Tudo passou! Talvez que os deliciosos dias

Da sua primavera e as galas tão festivas  
Do seu risonho amor, tocadas pela morte,  
Murchassem como á noite as debeis sensitivas

Expostas sem abrigo á viração do norte,  
Do norte que as curvou á lama pestilenta  
Manchando-as para sempre! Entretanto na côrte

A intriga palaciana, astuciosa e lenta  
Como a nodoa do azeite, iria de mansinho  
Alastrando... alastrando... e as nuvens da tormenta,

Vomitando a metralha, em escuro desalinho,  
Quebrariam talvez o ramo perfumado  
Onde o seu louco amor ía formando o ninho.

E o forte coração do poeta apaixonado  
Doía-lhe ao sentir a duvida pungil-o  
Como um fino punhal, agudo, envenenado,  
Perturbando-lhe a paz do seu amor tranquillo.

*(Abre-se uma janella baixa nos Paços da Ribeira e apparece  
o vulto gracioso de Catharina d'Athayde. Canhões approxima-se.)*

### CATHARINA

Ergui-me ha pouco do leito;  
É noite, mas sinto agora,

Ao ver-te, a esplendida aurora  
Que me enche de luz o peito:  
Estar sósinha contigo,  
Nos teus braços, que ventura!  
Não ha mais tepido abrigo,  
Nem alegria mais pura.

*(Reparando no rosto do poeta.)*

Meu Deus, que pallido estás!  
Tão triste! Que tens?

### O POETA

Supponho  
Que o nosso amor é um sonho  
Que qualquer sopro desfaz...  
Fundos segredos da sorte!  
Mas as paixões, uma a uma,  
Como o vento apaga a espuma  
Póde apagal-as a morte.

CATHARINA *(sobresaltada)*

Meu Deus, que triste linguagem!

O POETA

Quando vês qualquer imagem  
N'um lago azul e sereno  
O teu espirito presente  
Que uma pedra ao cair n'agua  
A turve rapidamente,  
Não é verdade?

CATHARINA

É verdade!

O POETA

Pois esse lago é o amor,  
E a pedra anonyma, flor,  
É a calumnia, a maldade.

A sociedade descobre  
Dois namorados; depois

Mesmo a rir separa os dois  
Se um é rico e se outro é pobre.

.....

O teu padre confessor  
Já muitas vezes te tem  
Censurado o nosso amor  
Como uma calamidade:  
É filho da sociedade  
E defende sua mãe.

Ha prejuizos de raça,  
Ha preconceitos, emfim,  
Que te hão de afastar de mim,  
Fazendo a nossa desgraça.

CATHARINA (*assustada*)

Quem sabe se tens razão?...  
Nos serões do Paço, ás vezes,  
Quando tu falas commigo,  
O olhar do padre Simão,  
Severo como um castigo,  
Assusta-me o coração.



E eu baixo instinctivamente  
Os meus olhos com desgosto,  
Porque esse olhar tão ardente  
Queima-me a alma e o rosto...

.....

Tenho medo dos Jesuitas,  
Dos fidalgos e do rei;  
Tenho medo, e acreditas?  
Quero explicar-t'o e não sei.

### O POETA

*(apertando-a nos braços)*

Tremes? não tenhas receio,  
Eu sou robusto, sou forte,  
E tanto que nem a morte  
Te arrancará do meu seio.

.....

Adeus, é quasi manhã;  
Um beijo... inda outro... São doces  
E castos como se fosses  
Minha mãe ou minha irmã!

.....

Fala-me ainda uma vez  
Do teu amor.

## CATHARINA

Eu te juro  
Que o não ha mais forte e puro  
Em coração portuguez.

Se vivo, é só para amar-te,  
E, Deus sabe se te minto,  
Quando tu partes, eu sinto  
Que o coração se me parte.

*(Ouvem-se passos. Catharina fecha a janella. O poeta fica pensativo.)*

## O POETA

Explicae-me, ó grandes sabios,  
A fatal contradicção  
De eu ter o dia nos labios  
E a noite no coração.

Quem me vê diz: quem me déra  
Ser tão feliz como elle é!

Oh apparencia, oh chimera,  
Porque illudes quem me vê?!

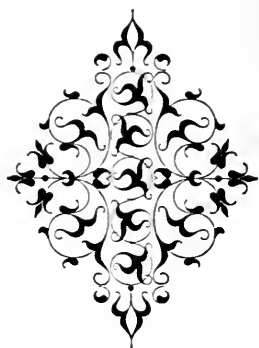
Eu sei que não tem remedio  
Este mal que se traduz  
Nos olhos cheios de luz,  
Na alma cheia de tédio!

*(Afasta-se.)*

Gemem as ondas quebradas  
Do mar, que ao longe desmaia,  
Contando lendas magnadas  
Às fundas grutas da praia.

É quasi manhã, á hora  
Em que se póde hesitar  
Se é já o clarão da aurora,  
Se é ainda a luz do luar:

E no placido socego  
D'essa vaga claridade  
Passa um enorme morcego...  
É a sotaina d'um frade.



## SEGUNDO CANTO



I

NA CÔRTE







I

NA CÔRTE

---

N o paço das Alcaçovas havia  
Sarau d'erudição ;  
Espalhava-se o clero e a fidalguia  
Pelo vasto salão.

N'esse recinto ás lettras consagrado  
O luxo se condensa;  
As paredes da sala  
São forradas de razos de Florença  
Com franjas d'oiro fino de Sofala.

Grandes estantes d'ebano esmaltado,  
Cheias de livros, manuscriptos raros  
E vastas collecções,  
Preciosos arsenaes onde os preclaros  
Espiritos das damas eruditas  
Se armavam para as largas discussões  
Com os padres jesuitas.

Sobre as felpas carissimas da Suissa,  
Cheias de subtilezas  
E finos arabescos phantasiosos,  
Erguem-se as largas talhas japonezas,  
Immoveis nos seus bojos silenciosos.

N'um pedestal de sandalo, encastoados  
De prata e de coral,

---

Destaca-se um trabalho delicado:  
Um fino busto, em marmore talhado,  
D'uma infanta qualquer de Portugal.

Dispersos sobre as mesas de pau santo,  
Os mappas e as espheras,  
Em horas patrioticas de espanto  
Mostravam as inhospitas paragens,  
As regiões severas,  
Tomadas pelos velhos portuguezes  
Nas destemidas, epicas viagens.

As estatuas de marmores reaes  
D'Italia, sobre grandes pedestaes  
De artistico lavor,  
Exhibiam-se em face das pinturas  
Suspensas das paredes em molduras  
De preciosas madeiras de Solor.

Viam-se os quadros de Masacio e Giotto,  
Os modernos trabalhos de Ticiano,  
As telas de Vanucci, o Perugino;

E n'um tom de materna suavidade,  
Repleta de frescura e mocidade,  
Uma Virgem de Raphael d'Urbino.

Descerravam-se as portas da capella  
Ao fundo, no salão,  
Deixando ver o rosto macerado  
D'um Christo medieval, hirto e chagado,  
D'uma severa e biblica expressão.

Pelas salas e vastos corredores  
A fidalguia e o clero,  
Adoptando a Escholastica por norma,  
Discutem varios pontos da Reforma,  
E maldizem o genio de Luther.

Ostentam os seus trajos, constellados  
De ricas pedrarias deslumbrantes,  
Os nobres cavalleiros namorados;  
E as damas palpitantes  
Arrastam pelas martas moscovitas  
Os doirados chapins

---

E os damascos de cores exquisitas,  
Como as dos mandarins.

Movem-se os grandes leques de xaráo,  
E na brancura ideal dos collos nus  
Sente-se o aroma calido e pagão  
Do almiscar sensualissimo de Ormuz.

Falla-se o grego e o latim a esmero,  
Lê-se Terencio e Plauto,  
Recita-se Virgilio, Horacio e Homero,  
E n'um grupo de damas silenciosas  
Um poeta altivo e de fidalgo porte  
Declama as redondilhas do seu auto  
Celebre em toda a côrte.

Sentada ao orgão tremulo e plangente,  
A filha do poeta Gil Vicente  
Executa em surdina,  
Acompanhada das irmãs Sigêas,  
As harmonias, languidas e cheias,  
Da missa do maestro Pallestrina.

E dominando a vasta academia,  
D'um throno sob o esplendido docel,  
Preside a Infanta Real D. Maria,  
Filha de D. Manuel.

---

Luiz de Camões contempla a languida figura  
Da creança gentil, da flor mimosa e pura,  
Que aos beijos da sua alma as petalas descerra;  
E alli, tão perto d'ella, imaginava o louco  
Que, para a possuir, anullaria em pouco  
A infinita extensão que vae do céu á terra!

No seu vestido branco, estreito e perfumado,  
Como as virgens que vão ás festas d'um noivado,  
Ou como os cherubins das telas religiosas,  
Tinha a doce expressão da castidade altiva,  
Que o calice retrahe á branda sensitiva,  
E tinge de rubor as petalas das rosas.

De branco! e fôra assim que elle a beijára em sonhos,  
Nos seus sonhos d'amor, sombrios ou risonhos

---

Conforme o coração lh'os inspirava... assim,  
Toda de branco, a rir, a rir como as creanças  
Pelas tardes d'abril, soltas ao vento as tranças,  
Alegres e joviaes nas relvas d'um jardim;

Ou como a vira já em pesadelos, fria,  
N'uma camara ardente ao declinar do dia,  
Com os labios sem côr, as palpebras cerradas...  
E elle sobre o caixão, quasi desfallecido,  
A beijar-lhe o setim das pregas do vestido  
E o gelo, a rigidez das mãos inanimadas!

E dentro da sua alma, illuminada e forte,  
Aquelle juvenil e calido transporte  
Desdobrava-lhe um véu de fulgidas chimeras,  
Borboletas de luz que a noite esmagaria,  
Quando o sol se escondesse, ao fim do ultimo dia,  
Detrás do mausoleu das suas primaveras.

Pelo tranquillo azul dos grandes olhos d'ella  
Inflammava-se o amor, assim como uma estrellla  
Que rasga em fogo o céu das noites socegadas,  
E adormecia ao som de musicas suaves,

N'um berço casto e bom, feito de pennas d'aves,  
As suas illusões alegres e doiradas!

---

Mas no Paço já lavra a intriga peçonhenta ;  
O escandalo progride, e á proporção que augmenta,  
O destino descobre, impertubavel, mudo,  
O caminho que vae do berço ao cemiterio,  
Dos páramos da vida ás sombras do mysterio,  
D'onde tudo renasce e onde se abysma tudo !

E a sociedade então, serena e majestosa,  
Erguendo a voz, dirá: «oh corações de rosa,  
Que alegres vos abris em peitos de crystal,  
Cerrae á luz do dia as urnas pequeninas,  
Que jamais ha de o amor, em ondas diamantinas,  
Encher-vos de ternura as bôcas de coral !

Transgredistes a rir as velhas convenções  
De que eu vivo, e portanto, alegres corações,  
Preciso de tirar uma desforra urgente :



Hei de vos esmagar nas minhas mãos de ferro,  
E a peçonha mortal que no meu peito encerro  
Ha de vos corroer a vida lentamente.

E escusaes de gemer de rastos sobre a lama,  
Que, enquanto uma scentelha arder da vossa chamma,  
Ella ha de illuminar-me um riso desdenhoso;  
Não vos escutarei, oh corações maguados,  
E só quando vos vir inertes e gelados,  
Vos hei de então deixar, no tumulto, em repouso!

.....  
.....

Entrou pelo salão um pagem da Rainha.  
Dirigiu-se a Camões. Na mão pequena tinha  
Uma ordem d'el-rei. Camões sobresaltado  
Recebeu-a, e, fingindo o animo sereno,  
Beijou, com a meiguice ideal do nazareno,  
Do pagemzito imberbe o rosto avelludado.

Catharina escutou, cheia de susto, o amante,  
Que lia a meia voz a ordem terminante:  
«... De abandonar o reino o poeta cavalleiro

Luiz de Camões, porque ama uma fidalga rica,  
Elle, um poeta pobre! »...

A sociedade fica  
Vingada pela mão d'el-rei D. João III.

Ouviu-se o grito pungente  
D'um coração fulminado...  
... Ao fundo o Christo chagado  
Tinha, entre os lumes do altar,  
Menos viva a luz do olhar  
E o rosto mais desbotado...

Catharina, a debil planta  
Curvada ao sopro do vento,  
Estava sem movimento,  
Fria nos braços da Infanta!  
E a filha de Gil Vicente,  
Sentada ao orgão plangente  
Que geme e chora, termina,  
N'uma tremula harmonia,  
A vasta melancholia  
Da missa de Palestrina.

II

ADEUS





## II

### ADEUS

---

**P**ARTIR e não saber se voltará depois!...  
A incerteza que esmaga o peito dos heroes  
Ao deixarem na patria as affeições mais puras,  
Que a dor pôde lançar nas frias sepulturas,  
Invadia tambem a alma delicada  
Do poeta, como a noite escura e desgrenhada  
Repassa o vago tom da luz crepuscular...

Ía partir, dizer ás vastidões do mar,  
Aos mortos areaes das plagas solitarias,  
Ás florestas sem fim, aos corações dos párias,  
A tudo quanto ao longe em sombras se lhe erguia,  
A dôr desamparada, a funda nostalgia  
Que em lagrimas de fel, choradas lentamente,  
Lhe havia de queimar o coração doente!

O desterro! o desterro! a sêde abrazadora  
D'um triste que cegou e pede a toda a hora  
Ao sol que lhe dê luz e á luz que lhe dê vida,  
Que o deixe contemplar a patria estremecida,  
A terra que elle adora, as arvores gigantes,  
As montanhas aonde em pequenino, d'antes,  
Costumava subir, a egreja, o presbyterio,  
A casa onde nasceu, e ao largo o cemiterio  
Em que descança já, morta de mágua enorme,  
Sua mãe, e talvez onde tambem já dorme  
Ella! a mulher, o ideal do seu primeiro amor!  
O desterro! o desterro! os dias sem calor,  
As noites sem luar, as madrugadas frias,  
O vento a sibilar nas velhas penedias,  
E nas sombras da noite e no rugir do vento  
O peso esmagador d'um grande desalento!  
O desterro! o desterro!

---

Antes de se ausentar,  
Desejava Camões ainda uma vez beijar  
Da fidalga gentil o desmaiado rosto,  
Em cujo olhar já via as sombras do sol posto  
E a candida expressão d'uma ave agonisante,  
Ferida, em pleno azul, na aza palpitante.  
Iria também dar o abraço derradeiro  
Ao grande coração de Bernardim Ribeiro,  
Ao amigo infeliz, ao triste confidente  
Do seu fatal amor, que muito velho e doente  
Chorava no deserto as criminosas faltas  
Da sua mocidade, entre as montanhas altas  
De Cintra, n'uma casa humilde e abandonada.

N'uma tarde d'abril risonha e socegada  
O velho Bernardim seguia com o olhar  
Pelo tranquillo azul purissimo do ar  
Uma nuvem subtil de passaros joviaes;  
Tinham-se erguido a rir dos platanos reaes,  
E ao longe, no recorte opaco das montanhas,  
Traçavam pelo espaço as linhas mais extranhas.  
Seguindo-os com o olhar amortecido e suave,  
Voava-lhe também a phantasia, essa ave  
Que abre dentro de nós as azas esmaltadas,  
E sobe ao alto, ao alto, ás noites ignoradas

Dos espaços sem luz, das regiões da neve,  
Onde o homem não vae e a aguia não se atreve.  
No espirito febril de Bernardim Ribeiro  
Deslisavam talvez do seu passado inteiro  
As loucuras ideaes, as afflicções sombrias,  
O cortejo sem fim das mortas alegrias,  
A que a saudade, ha muito, erguera um mausoleu  
Dentro do coração e por detraz d'um veu,  
Como a flor que apparece entre a densa neblina;  
Contempla ao certo ainda a Infanta que se inclina  
Abandonando a mão pequena e delicada  
Aos beijos da sua alma ardente e desvairada!  
Accordou-o Camões do extasis profundo,  
E elle baixou do azul aos pantanos do mundo,  
E ouviu a narração singela e commovida  
Das desgraças do amigo. A sua triste vida  
Reflectia-se n'elle.

Um rouxinol, na matta  
Escondido, desprende em lagrimas de prata  
A lendaria canção da sua vida obscura;  
Nas grutas naturaes cavadas na verdura  
Lamentam-se, na paz dos lagos socegados,  
As cascatas senís e os satyros toucados  
De roseiras em flor.

Muito ao longe, no poente,  
Expira como um justo o Sol serenamente.



---

Às nobres expansões, commovidas e francas,  
Do amigo desgraçado, as longas barbas brancas  
Do velho Bernardim molharam-se de pranto,  
E tremulo, convulso, alevantou-se, emquanto  
Pedia ao coração o balsamo, o vigor,  
Que suavisasse o fel d'aquella immensa dôr!

«Vae, disse o velho, vae ás regiões do Oriente;  
Tu és robusto e são, és forte e és valente;  
Veste o corpo de ferro e a alma de coragem;  
Implanta a cruz de Christo onde vires a imagem  
Das luas infernaes de Mahomet. Procura,  
Sobretudo, trazer a consciencia pura  
E limpo o coração... Nos combates renhidos  
Enterra a espada toda em peitos destemidos  
Que luctem contra a Fè Catholica Romana;  
É assim que se lava a consciencia humana,  
Aos olhos do Senhor, das manchas do peccado,  
E o enthusiasmo aquece o peito do soldado  
Que orgulhoso antevê, ao clarão da victoria,  
O seu nome a brilhar nas paginas da historia.  
Mas não te empenhes só nas luctas do teu braço;  
Tu tens na alma, filho, um luminoso espaço,  
No qual do teu engenho as aguias gloriosas  
Hão de as azas abrir, altivas e nervosas!

Atravessa tranquillo as provações do exílio,  
Lucta como Scipião, canta como Virgílio,  
Combate e escreve; assim, tu voltarás depois  
Para depor no altar que a patria ergue aos heroes  
A penna de poeta e a espada de guerreiro...  
Eu sei, Camões, eu sei que has de fazer primeiro  
O sacrificio atroz das illusões queridas;  
Quando mortas no chão, dispersas, resequidas,  
Vires que nunca mais o orvalho as aviventa,  
Sentirás o punhal d'uma agonia lenta,  
Soffrerás uma dôr tão intima, tão funda,  
Que jamais o prazer que os corações inunda  
Reflorirá no teu as hastes vigorosas  
D'esse risonho abril que se desata em rosas.  
Em horas tão crueis, longe da patria, escuta:  
Procura a sancta paz d'uma sombria gruta  
Junto do mar, e alli chora sósinho, chora  
Os extinctos clarões d'uma longiqua aurora;  
E pelo espelho azul da tua mocidade  
Verás então, do luar na mansa claridade,  
Perpassando subtis e alvas como o arminho,  
As candidas visões que atraz, no teu caminho  
Ficaram, sem poder, tomadas de cansaço,  
Arrastal-as contigo a força do teu braço!  
Verás então o olhar da tua loira amante,  
Turvado pelo veu das lagrimas, distante,

No horizonte da patria, a contemplar o teu  
Na angelica expressão do seu amor, e eu...  
E eu! falar de mim, que mágua e que loucura!  
Eu dormirei então na pobre sepultura  
Aonde a caridade o corpo me lançar,  
E em que as aves do ceu nem vão talvez poisar;  
Nos gelos sepulcraes d'um mundo subterraneo,  
Hão de os vermes roer, entrando no meu craneo,  
O cerebro que em vida as frescas primaveras  
Povoaram de illusões e fulgidas chimeras,  
E invadindo-me o peito hão-de sugar-me então  
Este gasto, infeliz e triste coração,  
Que foi da minha vida o intimo verdugo,  
Porque muito soffreu sob o pesado jugo  
D'um desgraçado amor... Adeus! adeus! adeus!  
N'este abraço final, que não consinta Deus  
Que no teu peito infiltre o virus corrosivo  
Do meu fatal destino!>

E o velho convulsivo,  
Fitando no poeta o meigo olhar piedoso,  
Nos braços apertou o peito generoso  
Do amigo, a soluçar n'uma saudade infinda.  
Camões partiu, depois de lhe beijar ainda  
A cabeça e as mãos.

Separaram-se os dois.

Ouviam-se na matta os tristes rouxinoes  
E o monotono som das aguas murmurosas.  
É já noite! Á mudez das sombras mysteriosas,  
Na tristeza fatal dos grandes desgraçados,  
O velho poeta ergueu os olhos constellados  
E ficou-se a escutar, n'um extasis profundo,  
Os rouxinoes, a agua, a natureza, o mundo!



III

NUNCA MAIS





### III

## NUNCA MAIS

---

N 'UMA lancha á flor das aguas  
Do mar solitario e brando,  
Com a alma fluctuando  
No oceano das suas máguas,  
Vae o poeta scismando  
N'uma tristeza sombria.

A noite é humida e fria ;  
As ondas gemem distantes  
Na praia, como gigantes  
Que se estorcem moribundos  
N'uma pesada agonia.

Na sombra dos horizontes  
Ha uns mysterios profundos,  
Umas esphynxes secretas ;  
As curvaturas dos montes  
Da lua ao baço clarão  
Parecem grandes prophetas  
Prostrados em oração.

Das aguas mansas, quebradas  
Pelos remos fluctuantes,  
Nascem milhões de brilhantes  
Em luminosas golfadas.

Erguem-se as vozes cansadas  
E tristes dos catraeiros  
N'uma vaga melopêa,  
Como as canções arrastadas



---

Das mães que embalam os filhos!  
A lua tranquilla e cheia  
Envolve as ondas do mar  
N'um veu bordado a vidrilhos  
Pelas finas mãos do luar!

O barco atracou ao caes.  
Na grande janella aberta  
Dos velhos paços reaes  
A fidalga palpitante  
Julgava perder a vida  
Ao cair desfallecida  
Nos braços do seu amante!

---

*(Camões aproxima-se da janella baixa dos Paços da Ribeira.  
Catharina encosta-se ao peitoril.)*

### O POETA

Cumpra-se a ordem d'el-rei!  
A elle pouco lhe importa  
A nossa mágua sombria...

## CATHARINA

E eu nunca mais te verei;  
Quando voltares um dia,  
Has de encontrar-me já morta...

## O POETA

Morta!

## CATHARINA

D'amor e saudade.

## O POETA

A alma vive de esperanças...

## CATHARINA

A minha é como as creanças  
Que morrem na orfandade.

O POETA (*animando-a*)

Que desalentos os teus!  
Anjo, tu has de viver!

CATHARINA

Os anjos chama-os Deus,  
Se os vê no mundo a soffrer.

O POETA

Socega e escuta: o destino  
Vae separar-nos em breve;  
Mas posso eu deixar-te assim?  
Verga-te o corpo franzino,  
Vejo-te fria de neve,  
Estás da côr do marfim...  
Verás que alegre surpresa  
Quando eu regressar um dia...

## CATHARINA

Adeus, ó minha alegria,  
Que eu vou morrer de tristeza!

## O POETA

Escuta: quando eu voltar,  
El-rei, o proprio D. João,  
Ha de pegar-te na mão  
E conduzir-te ao altar  
Onde estarei; desde então  
Só Deus nos póde apartar:  
Ora Deus bem se condóe  
Dos desgraçados, portanto  
Não quero ver-te esse pranto  
Nos olhos... Hei-de voltar,  
Mas rico e nobre, um heroe  
Que tu has de abençoar!  
E depois, que bellos dias,  
Que formosas primaveras  
D'amor, por entre os rosaes,  
Onde tu, pomba, me esperas!

CATHARINA

Ai, nunca mais! nunca mais!

O POETA *(lançando-lhe ao pescoço um fio  
com uma medalha pendente)*

Fica-te n'essa medalha  
O meu retrato, procura...

CATHARINA

Leval-o p'ra sepultura  
Entre as dobras da mortalha!

O POETA

Não! mas procura occultal-o  
Ao rei, aos padres, á côrte.

## CATHARINA

Só poderão arrancal-o  
Às mãos geladas da morte!  
.....  
.....

E alli, n'aquelle momento,  
À alta temperatura  
D'um supremo sentimento,  
Cairam no chão desfeitos  
Os austeros preconceitos  
De raça e as distincções  
Da sociedade, perante  
O calor febricitante  
D'aquelles dois corações!

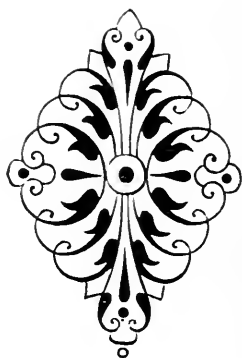
No beijo ardente e profundo  
D'esse longo adeus afflicto,  
Não os separou o mundo,  
Separou-os o infinito!

---

A lancha largou do caes  
E fez-se ao largo no Tejo ;  
Camões escutava ainda  
O som do ultimo beijo,  
E entre lagrimas e ais  
Essa extranha prophecia :  
«Ai, nunca mais ! nunca mais !»

A manhã arrefecia  
Ao rijo sopro do norte ;  
Na grande janella aberta  
Dos velhos paços reaes,  
Como as estatuas da morte.  
De pé, immovel e fria,  
Catharina repetia :  
«Ai, nunca mais ! nunca mais !»







## TERCEIRO CANTO



I

MORTA





## I

### MORTA

---

**N**a capella real do velho paço havia  
Um grande movimento; o sino da agonia  
Soluça na amplidão da noite borrascosa.  
A amante de Camões tão nova e tão formosa  
Vae morrer dentro em pouco; a hostia consagrada,

Para que possa entrar na eterna madrugada,  
Irà levar-lhe á alma, ao coração pungido,  
Força para exhalar o ultimo gemido  
Na timida expansão da derradeira prece...  
N'esse instante a consciencia offusca-se e estremece,  
Apaga-se a razão no extremo paroxismo,  
E a morte deve ser um tenebroso abysmo  
Cheio de imprecações e ironicas risadas,  
Soltas d'um turbilhão de sombras condemnadas...  
É então, quando sente o raciocinio morto,  
Que a fê nos grita «vem!», e leva-nos ao porto  
Da bemaventurança...

Oh, espirito moderno,  
Tu, que negas o céu e que te ris do inferno,  
Que fulminas o dogma e arrasas a Escripura,  
Que chamas illusão á mystica ventura  
Da vida eterna apoz a morte d'esta vida  
Tão cheia de afflicções, tão curta e tão dorida;  
Tu, que obrigaste um Deus, que dominava tudo,  
A saír cabisbaixo, envergonhado e mudo,  
Dos pavilhões do céu, onde a sciencia agora  
Anatomisa, á luz d'uma serena aurora,  
Os corpos colossaes que giram pelo espaço,  
Custa-te a comprehender esse apertado abraço,

---

A ancia com que outr'ora a religião ligava  
A alma que partia à crença que a levava...

N'um cansado estertor, debatia-se o peito  
Da creança infeliz. No seu pequeno leito,  
Amortecido o olhar, tinto de febre o rosto,  
Como as nuvens do céu á hora do sol posto,  
Dispersas, sobre a roupa, as tranças d'ouro fino,  
Escuta resignada a voz do seu destino  
A moribunda flor...

Dois annos são passados:

O amor, as afflicções, as rezas, os cuidados,  
As noites sem dormir, e por sobre isto tudo  
O desalento, assim como um punhal agudo  
Sempre no coração, pozeram lentamente  
No regaço da morte essa existencia doente.

No quarto ergue-se ao fundo o grande altar forrado  
De damascos de Lucca, onde um crucificado,  
Entre as jarras da China e as pratas do Japão,  
Tolera silencioso esse esplendor pagão.  
Inclinando no peito a fronte resignada...  
Sobre o tapete reza em lagrimas banhada

A rainha, e ao pé d'ella as damas e açaфatas  
De rastos pelo chão, em prostrações beatas...

Perto do leito um padre esguio e macilento  
Contempla a moribunda e procura o momento  
De lhe pedir, baixinho, inda uma vez, que esqueça  
A imagem que ella tem no coração impressa  
Em hora tão solemne. O padre bem sabia  
A tragica paixão contada dia a dia  
De joelhos a seus pés.

Elle era o confessor  
Que tanto castigára esse funesto amor  
Na dura penitencia imposta rudemente  
À virgindade ideal d'essa alma transparente.

---

*(O padre confessor, sentindo approximar-se o Viatico, desperta  
a moribunda.)*

## O PADRE

Approxima-se o Senhor,  
Filha; que grande alvoroço



Vaes sentir no coração...  
Esmaga pois esse amor,  
Essa profana paixão...

CATHARINA (*desfallecida*)

Não posso, padre, não posso...

O PADRE

Ao penetrar os humbraes  
Da Eternidade, procura  
Abafar a voz impura  
Das tentações infernaes...  
Prepara a tua consciencia,  
Põe em Deus o ultimo olhar,  
Elle é Pae e Senhor nosso,  
Ha de te emfim perdoar...

CATHARINA

Não posso, padre, não posso...

## O PADRE

Tu morres impenitente,  
Pobre creança...

## CATHARINA

Não!.. não!..  
Deus tem no meu coração  
Um culto sincero e ardente...

## O PADRE

Mas esse amor condemnado...

## CATHARINA

O soffrimento o redime,  
Este amor... Se elle é um crime,

---

Tem sido bem castigado...

.....

---

E apertava nas mãos essa medalha aonde  
—Avarenta do amor— o seu thesoiro esconde,  
Medrosa de que alguém, quando ella dorme ou reza,  
Lhe inveje esse retrato e roube essa riqueza.

O padre então ficou immovel e sombrio,  
Fitando-a com o olhar desanimado e frio,  
Como o abutre contempla a pomba estrangulada  
Em plena primavera, à luz da madrugada.

Ao longo dos salões e vastos corredores  
Os fidalgos, el-rei e os velhos servidores  
Do paço, iam seguindo em lenta procissão,  
Cantando, como ordena o ritual christão,  
O hymno ao sacramento...

A umbella ia na frente,  
Bordada a oiro fino e perolas do Oriente,

Como o rico docel do throno d'um nababo;  
Depois el-rei, depois ía a nobreza, e ao cabo  
Os servos a cantar, curvadas as cabeças,  
Como um côro infernal de victimas oppressas.

Sobre o Tejo pairava um temporal desfeito:  
As ondas em cachões erguiam-se do leito,  
Espumantes de raiva, assim como serpentes  
Luctando n'um deserto em convulsões ardentes;  
O vento fustigava as tremulas vidraças,  
Tinha na voz sinistra os gritos, as ameaças,  
Que findavam depois n'um languido gemido,  
Como após o combate um luctador vencido.

Catharina ao tomar a communhão sentia  
Fugir-lhe a luz do olhar na treva densa e fria  
Da morte... era chegado o ultimo momento...  
O cortejo saiu, e o hymno ao sacramento,  
Como um canto febril de afflictos corações,  
Morria a soluçar pelos vastos salões  
Ao longe...

                    No silencio ouvia-se o estertor,  
Da agonia final... O padre confessor,

Silencioso, em pé, cruzara as mãos no peito...

.....

Quando *tudo* acabou, correu por sobre o leito

As cortinas de seda, ante a rainha absorta,

E disse seccamente esta palavra: «morta».





II

## SOBRE AS AGUAS







## II

### SOBRE AS AGUAS

---

CAMÕES voltava emfim do seu longo desterro.  
Como que se lhe abria um carcere de ferro,  
Onde, sem luz, nem ar, ao coração afflicto,  
Se gemia uma queixa ou se soltava um grito,  
Sómente respondia um silencio profundo.

Voltar do exílio á patria é vir do inferno ao mundo :  
E deixar o martyrio, o desalento, as máguas,  
E sobre o fresco azul pacifico das aguas,  
Repassando os pulmões de força e de saude,  
Erguer o olhar do céu á doce beatitude,  
Ver perto a casa, o lar, uma existencia quieta,  
Tudo o que o pensamento em sonhos architecta  
Quando o aquece o amor e o esmalta a phantasia...  
Dissipava-se a noite á luz d'um novo dia,  
E respirava emfim desopprimidamente.

Camões voltava pobre e fatigado e doente.  
Vinha com elle o Jau, esse modesto escravo,  
Seu amigo leal, um destemido, um bravo,  
Em cujo olhar sorria uma alma crystallina.  
Acompanhára-o sempre em Africa e na China  
Combatendo ao seu lado... Era um thesoiro o Jau!...  
Quando na solidão da gruta de Macau  
Camões lhe recitava os versos palpitantes  
Ante a orchestra febril das ondas espumantes,  
Que Deus rege do azul, o escravo subjugado  
Rojava-se-lhe aos pés em lagrimas banhado,  
Humilde como um cão!...

Na solitaria gruta  
O genio dominava a natureza bruta!...

Vinha a bordo tambem um poeta moribundo,  
Espirito gentil e coração profundo...  
Era Heitor da Silveira, o amigo de Camões,  
Que entre as nevoas da morte, aos ultimos clarões  
Da existencia, pedia uma restea de vida  
Que o levasse inda a ver a patria estremecida  
Ao menos uma vez!... E a patria estava perto!...

Sobre o crystal do oceano o sol, a descoberto.  
Como um topasio enorme, em jorros, illumina  
Essa manhã d'abril formosa e diamantina...  
A alegria repassa as almas dos soldados,  
Que reprimem no peito as expansões e os brados  
Que hão de estalar depois, n'uma forte explosão,  
Como a lava que rompe a crosta d'um vulcão,  
Quando surgir ao longe a terra promettida.

Camões scismava então na sua triste vida:  
Que desgraçado elle era!... O amigo moribundo,  
Antes de ver a patria, ia deixar o mundo,  
Ía partir, morrer, e, o que mais o tortura,  
Talvez nos braços d'elle! Amarga desventura!  
Morreria tambem, se à flor do sentimento  
Lhe não boiasse a fé n'esse cruel momento.

Mas elle tinha o orgulho, a convicção suprema  
De que a gloria da patria estava no seu poema,  
N'esse livro immortal, escripto nas tristezas  
Do exilio, entre os canhões das velhas fortalezas,  
Junto do largo mar!...

Esplendido thesoiro!

Valia muito mais do que essas minas d'oiro  
Arrancadas, á luz d'uma ambição fervente,  
Aos flancos colossaes das montanhas do Oriente.

A sua voz, cantando os epicos gigantes,  
Levados pela fé aos pontos mais distantes  
Do globo, entre o rugir das broncas tempestades,  
Vencendo heroicamente exercitos, cidades,  
Destruindo, arrasando os cultos immoraes,  
Supportando o rigor dos climas tropicaes,  
E erguendo em toda a parte o grito da victoria;  
A sua voz dirá ao universo a historia  
D'uma raça de heroes, d'uma nação de atletas,  
Que tinha a inspiração nervosa dos prophetas  
E o assombroso vigor dos gregos destemidos.  
A historia, as tradições dos tempos decorridos,  
O ardor peninsular, os dogmas religiosos,  
O mysticismo ideal dos corações piedosos,  
Que arrastára Colombo á temeraria empresa

---

E o padre Santo Ignacio á cova de Manresa,  
As correntes do sangue e os impulsos da raça,  
Emfim, tudo o subjuga, emfim tudo o repassa  
D'esse influxo febril, o cumulo da idéa,  
O genio! o immenso sol, que da grande epopéa  
Lhe tinha fecundado as flores immortaes...

Na tragedia sem fim dos velhos temporaes,  
O oceano alevantára os monstruosos braços  
Das ondas, ao clarão sinistro dos espaços,  
Para lhe arrebatár, n'uma loucura extrema,  
A existencia, a fortuna e a sua gloria — o poema!  
Mas elle então, heroe! mais forte do que o oceano,  
E muito mais audaz, n'um esforço sobrehumano,  
Gritou-lhe «hei-de vencer-te!», e atirando-se ás vagas,  
Entre um côro infernal de rugidos e pragas,  
Salvando omnipotente as guelhas dos abysmos,  
Resistindo ao furor dos rudes cataclysmos  
Nos desertos do mar, em fremitos arroja  
O poema victorioso ás praias de Camboja!..

Que o diga Deus, que alem, nos páramos distantes,  
Suspenso entre os vulcões das nuvens fluctuantes

A vomitarem fogo, o espreitava e sorria,  
Louvando-lhe o vigor da estranha valentia...

Voltava novamente á terra em que nascêra.  
Que mudanças, Senhor! ninguem na patria o espera.  
Seu pae tinha morrido; os amigos, tambem,  
Levara-lh'os a guerra; apenas sua mãe,  
Uma pobre velhinha adoentada e triste,  
Cansada de soffrer, lhe dizem que ainda existe;  
E a fidalga gentil, a sua loira amante,  
Que elle sentia já nervosa e palpitante,  
A pedir-lhe e a escutar as longas narrações  
Do seu triste viver no fundo dos sertões,  
Sobre as ondas do mar, nas refregas, na lucha.  
Ou sósinho, na paz d'essa tranquillá gruta,  
Onde ella tanta vez, em fórma de visão,  
Sorrindo, lhe beijára o rosto e o coração...  
Tinha tudo mudado!.. El-rei D. João III  
Tambem já não vivia, e Portugal inteiro,  
Esse sonho da Europa, essa opulenta herança,  
Repoisava nas mãos d'uma debil creança  
Com a cabeça doida e o coração fanatico...

---

---

Sobre as aguas, a nau, como um passaro aquatico,  
Vogava brandamente em direcção à terra...  
Cintra mostrou ao longe os pincaros da serra,  
E então um côro enorme, um grito estrepitoso,  
Estremeceu no espaço!..

Heitor, febril, ancioso,  
Quiz erguer-se e caiu, sem vida, bruscamente,  
Nos braços de Camões!.....  
.....







III

CRENÇA EM DEUS





### III

## CRENÇA EM DEUS

---

**C**URVADA pela idade, a mãe do poeta reza  
Em frente do oratorio; uma densa tristeza  
Turva-lhe o doce olhar em lagrimas banhado...  
As saudades que tem do filho desterrado  
Pingem-lhe o coração... Ella está pobre e doente  
N'aquella triste casa em que a morte recente  
Do marido a deixou desamparada e velha...

Nunca mais viu brilhar uma unica scentelha  
De alegria e de amor na sua noite escura;  
Sempre sósinha alli, como n'uma clausura,  
Espera resignada a eterna liberdade...

Entre os gelos crueis d'uma provecta idade  
Abrem-se á luz do céu as petalas da crença,  
E a alma paira então assim como suspensa  
N'um raio de luar com que Deus a convida  
A subir, a subir á patria promettida...  
Nos pantanos da terra o luar da religião  
Illumina um crystal purissimo — a oração —,  
Atravessando o qual, em toda a nitidez,  
O triste olhar da fê contempla muita vez  
A recompensa ideal que Deus reserva áquelle  
Que a sociedade engeita e a compaixão repelle.

A velhita rezava em lagrimas banhada;  
Foi então que sentiu subindo pela escada,  
Vertiginosamente, uma pessoa, alguém  
Que gritava:

—Sou eu, aqui estou, minha mãe!—

E nos braços do filho a velha surprehendida,  
A chorar, a tremer, caiu desfallecida

E sem poder falar...

— Minha mãe, minha mãe, —

Dizia-lhe Camões — sou eu, aqui me tem!... —

Ella então murmurou, ao ver nos olhos seus

Brilhar de novo a luz:

— Bemdito seja Deus!...

Bemdito seja Deus!... —

Entre as portas da sala,

Escondido na sombra, o pobre escravo exhala

Um intimo suspiro... elle tambem pensava

N'aquella triste mãe que lhe ficára em Java

Quasi morta de dor... Nunca mais a veria!...

.....

Na cruz agonisava um Christo humildemente

Entre as vélas do altar.

Camões falou do Oriente,

Dos combates no mar, d'essas horas passadas

Luctando entre o fragor das ondas sublevadas...

E ao ouvil-o falar, a velhinha tremia

De susto e de terror...

Pintou-lhe a nostalgia,

As saudades da patria e da familia, o medo  
De nunca mais voltar do aspero degredo.

Ella então descreveu-lhe a sombria tristeza  
Em que vivia alli no luto e na pobreza...

— E voltas rico, tu? —

— Riquissimo! aqui tem  
Uma riqueza enorme! — E ao regaço da mãe  
O poema arremessou...

Depois falou da amante;  
A velha estremeceu... — Que delicioso instante,  
Que surpresa, Senhor, elle ia preparar  
Ao seu amor... —

Mas vendo a mãe a soluçar  
Estremeceu tambem... perguntou-lhe o que tinha,  
Porque chorava assim...

E a tremula velhinha,  
N'uma lucha cruel a debater-se, então  
Disse-lhe a meia voz:

— Não partas, filho, não...  
Não a podes já ver... ella vive no céu... —  
— O que diz, minha mãe? não posso já... —

— Morreu!...

Resigna-te... Foi Deus que assim o quiz, meu filho. —

.....

O poeta cambaleou no pavimento, o brilho  
Da razão offuscou-lh'o a noite da loucura,  
E ao pensar na mudez d'aquella sepultura  
Onde immovel e fria a amante repousava,  
N'uma suprema dor, chorando, blasphemava!...  
Mas como ouvisse a mãe a murmurar baixinho:  
«Bemdito seja Deus», sentiu, n'um redemoinho  
De fortes sensações fugir-lhe a luz da crença;  
E na sua alma então a duvida suspensa  
Tinha a sinistra côr d'um passaro nocturno...

.....

**O POETA** (*n'uma sombria expansão,  
depois de um silencio prolongado*)

Foi Deus quem m'a roubou na flor das primaveras;  
Ao sinistro fulgor das lividas esferas,  
Vejo-a junto do altar das victimas formosas,  
Que se vestem de branco e se toucam de rosas,  
Sorrindo ao sacrificio, ao mystico noivado  
Que deve ter logar no azul immaculado  
Dos páramos do céu...

Que importa que ao voar  
Deixem no horror do luto as mães a soluçar,  
Enchendo os corações de lagrimas pungentes,  
Seguindo com o olhar, febrís, inconscientes,  
O cadaver que vae sumir-se n'uma cova!  
Se a filha é fresca e pura e delicada e nova,  
Se é flor que o sol creou, deve esfolhal-a o vento;  
Ha um Deus que se esconde atrás do firmamento,  
Que é como a hydra fatal que exige um bom tributo  
De corpos juvenis... Que importa a dor e o luto!...  
Parti, deixae-nos, ide, ó pombas innocentes,  
Tomae o casto véu das nuvens transparentes,  
De estrellas inundae os fulgidos diademas,  
Desfazei n'um sorriso as coleras supremas  
E, aves brancas do céu, entrae na Eternidade  
Sem macular o alvor da vossa virgindade!...

.....

*[A velha cãe de joelhos a chorar, com as mãos erguidas deante  
do oratorio. O poeta, depois de um extasis momentaneo, continúa:]*

Nunca mais! nunca mais!... Inda me lembro, quando  
Eu te vi tanta vez, junto ao sol-posto, olhando  
As nuvens pelo azul vastissimo e profundo,  
Da triste inspiração, do mau presentimento



---

Que infligia á minha alma um lugubre tormento :  
— Que tu, anjo de Deus, ías deixar o mundo...

Dezoito annos!... um mimo, um sonho, uma illusão,  
Um rosario de luz cingindo um coração  
Que estremece do amor na cerula harmonia...  
Dezoito annos!.. a vida em borbotões de esperança...  
Um sorriso!... uma flor!... Pobre, infeliz creança!  
E pôde arrebatár-te a rude ventania?  
Pôde o fogo queimar-te as azas palpitantes,  
E fazer-te cahir das regiões distantes,  
No charco onde apodrece a carne inanimada!...  
E quiz a mão de Deus, do Inferno ou do Destino,  
Lançar-te n'uma cova, a ti, lyrio divino  
Cujo collo se abria á luz da madrugada?!  
.....

*(A velha treinia de terror ouvindo o filho a blasphemar. Camões  
continúa n'um desespero crescente:)*

Foi Deus quem te arrancou das tranças virginaes  
A grinalda de noiva e o véu dos esponsaes,  
Tornando em noite escura a tua branca aurora...

... Como hei-de eu crer em ti, ó Deus endurecido,  
Que soltas um sorriso em troca d'um gemido,  
E enterras o punhal n'um peito que te adora!

Como hei de eu crer em ti, ó Christo legendario!  
Se acaso ergueste a voz no cimo do Calvario  
Implorando o perdão, a lei que regenera,  
Como é que não te ouviu teu pae, o Padre Eterno,  
E fez da terra toda um monstruoso inferno,  
Em que o amor é um sonho e a vida uma chimera?!  
.....

Mas não! ou tu és bom ou não existes... Eu,  
Se te interrogo, erguendo as minhas mãos ao céu,  
Não me respondes, tu, que és pae dos desgraçados!  
Como hei de eu crer em ti, ó Deus secreto e mudo,  
Que do nada creaste e organisaste tudo,  
Se á minha immensa dor teus labios são fechados.

Se és pae, eu sou teu filho, e quando um filho soffre  
O peito de seu pae é um precioso cofre  
Que se abre a recolher-lhe os prantos e os gemidos;  
Tu devias portanto erguer-me nos teus braços,

---

E estreitar, pelo amor, os apertados laços  
Que aos paes uniram sempre os filhos oprimidos.

Se te vejo a orar nas solidões do Horto,  
Se te vejo na cruz enregelado e morto,  
Ou subindo no azul translucido e sereno,  
Ou conchegando a ti as loiras creancinhas,  
Como um bando gentil de castas andorinhas,  
Eu amo-te, Senhor, Jesus, não te condemno;

Mas, quando a tempestade horrivel se accumula,  
Quando a morte brutal nas garras estrangula  
Uma doce creança alegre e palpitante,  
E oiço o mundo a gritar: «Bemdito seja Deus!»,  
Sinto rugir no peito o côro dos atheus:  
«Maldita sejas tu, chimera repugnante!...

Maldito sejas tu, que ha mais de seis mil annos  
Despedaças a rir os corações humanos,  
Que te dão ao morrer um beijo ensanguentado...  
Maldito sejas tu, ó Deus inconsciente,  
Trindade monstruosa, espirito inclemente!...  
Filho de Jehovah, Jesus crucificado!...

Maldito sejas tu!... maldito sejas!»

---

*(O poeta, vendo a mãe tremula deante do altar e o Christo resignado na cruz, sente a violenta reacção da crença catholica e prostra-se de joelhos n'uma explosão de lagrimas.)*

Não!...

Bemdicto sejas tu! Perdão, Senhor, perdão...  
Perdoa esta blasphemia ao desespero, á dor;  
Entre os brilhos ideaes da tua gloria immensa  
Tu tens, para quem soffre, inda um balsamo — a crença;  
Senhor, eu creio em ti, perdoa-me Senhor!...

Eu vi-te muita vez na cerração dos mares,  
E um sorriso dos teus, um só dos teus olhares,  
Dava-me luz á alma e força ao coração...  
Se me vias dormir, prostrado de canceira,  
Tu vinhas-te assentar á minha cabeceira;  
Eu creio, eu creio em ti: perdão, Senhor, perdão!...

Hei de me consumir n'esta saudade enorme;  
Direi ao fundo amor que me subjuga: «dorme!»  
E elle ha de no meu peito adormecer talvez...  
E tu, noiva gentil, e tu, pomba de neve,  
Aguarda-me no céu, que eu partirei em breve!...  
Deus ha de me chamar... espero a minha vez!...

---

E o poeta sentiu, olhando o Christo morto,  
Cahir no fundo d'alma o balsamo, o conforto;  
Extinguia-se ao largo o côro dos atheus...  
O pobre escravo então, inda na sombra, olhava  
O filho que gemia e a mãe que murmurava  
«Bemdito seja Deus! Bemdito seja Deus!»





IV

SAUDADES







#### IV

### SAUDADES

---

U m destino cruel vergava lentamente  
O desgraçado poeta; aquelle olhar ardente  
Ía perdendo a luz. Tinha as faces cavaçadas,  
De tanto meditar, por noites desveladas,  
N'um mundo d'illusões, chamando á luz e á vida  
O cadaver que tem, da amante estremecida,

Sempre no coração... Dias de desalento  
N'uma sombria dor, sem ter um só momento  
De conforto, e depois a miséria, a tortura  
De contemplar a mãe que se afflige e procura  
Diminuir-lhe o mal pedindo esmola, tudo  
O faz andar assim desalentado e mudo,  
À espera de que Deus, que é bom e generoso,  
Lhe diga: «é tempo já, concedo-te o repouso,  
Podes enfim dormir o derradeiro somno».

Ao sol posto Camões, pelas tardes d'outomno  
Quando a brisa desfolha as arvores e as flores  
E se abrem pelo espaço as azas dos condores  
Cortando o azul nublado imperturbavelmente,  
Quando se ouve o gemer da natureza doente,  
E anda na atmosphaera um desconforto occulto,  
Que aviva dentro da alma o mysterioso culto  
Das tristes affeições crestadas pelo pranto;  
N'essas tardes, Camões sente um suave encanto  
Em escutar no templo as mysticas verdades...  
Chora-lhe o coração repleto de saudades,  
E julga estar alli mais proximo de Deus,  
N'uma paz que parece a paz dos mausoleus...  
Alli ouve falar d'uma outra vida, aonde  
Aos olhos d'este mundo o firmamento esconde

---

As almas que têm fome e sede de justiça,  
Fazendo-as assistir áquella eterna missa  
Em que se escuta a voz dos cherubins envoltos  
Nos doirados anneis dos seus cabellos soltos...

Por isso elle se arrasta á egreja dos jesuitas,  
Paralytico, e vae, n'essas horas bemditas,  
Buscar o summo bem, a mansa beatitude  
Que o seu destino abrande amargurado e rude...  
Sua mãe vae tambem, muito velha e curvada,  
E atrás dos dois o Jau, com a fronte inclinada,  
Pensando, ao contemplar o grupo solitario,  
N'aquelle que pisou a estrada do Calvario:  
O Christo, sua mãe, e atrás o Cyreneu  
Que ao subir a ladeira ia subindo ao céu...

Os padres de Jesus, entre as grades, no côro,  
Rezam a ladainha, esse piedoso choro  
De que a egreja repassa as almas consternadas...  
Das naves cõe a sombra; as imagens sagradas,  
Immoveis no esplendor dos nichos singulares,  
Tem aspectos crueis, no fundo dos altares;  
Oscilla a branda luz das lampadas pendentes;

De rastos pelo chão, os tristes penitentes  
Espalham-se no templo...

O poeta silencioso,  
N'um secreto bem estar, n'um intimo repouso  
Pensa ás vezes na patria: a patria moribunda  
Morreria talvez, — que mágua tão profunda! —  
Ás mãos d'um rei qualquer, feroz como um chagal...  
E um principe de sangue, um padre, um cardeal,  
Neto d'esses avós illustres e valentes,  
Que tinham commandado as hostes imponentes  
Dos guerreiros da cruz, era quem dentro em pouco,  
Na impotencia senil d'um cobarde ou d'um louco,  
Ia a patria lançar no escuro captiveiro,  
Entre as garras febris do despota estrangeiro!

Pobre D. Sebastião! malfadada creança!  
A que mãos foi parar a tua rica herança!  
Eras um bravo, tu, rei destemido e forte...  
Não soubeste viver, mas affrontaste a morte,  
Firme como um heroe; se o sangue portuguez  
Salpicou a ferver as ameias de Fez,  
E em ondas inundou as plagas africanas,  
Tu, suicida sublime, ás hostes mauritanas

---

Mostraste, a combater, escravo do teu erro,  
Que tinhas peito de aço e musculos de ferro!

Arrastaste contigo a patria á perdição:  
Que a historia te perdoe, robusto coração...

E o rosto de Camões molhava-se de pranto...  
Chorava o seu ideal despedaçado, emquanto  
Vibravam pelo templo os canticos ferventes  
E o confuso rezar dos tristes penitentes  
Que beijavam o chão...

Junto do poeta, ao lado,  
Na humildade brutal d'um leão domesticado,  
Espera o Jau! lá fóra a pobre mãe anciosa,  
Muito velhinha e só, estende a mão rugosa,  
Occultando n'um véu o rosto emmurhecido,  
E supplica uma esmola...

O poeta, recolhido  
N'um profundo scismar, recorda-se da amante,  
E repete baixinho a supplica constante  
D'esse desfeito amor, d'essa saudade infinda:

*Alma minha gentil que te partiste  
Tão cedo d'esta vida descontente,  
Repousa lá no céu eternamente  
E viva eu cá na terra sempre triste;*

*Se lá no assento ethereo, onde subiste,  
Memoria d'esta vida se consente,  
Não te esqueças d'aquelle amor ardente,  
Que já nos olhos meus tão puro viste.*

*E se vires que pode merecer-te  
Alguma cousa a dor que me ficou  
Da mágua sem remedio de perder-te,*

*Roga a Deus, que teus annos encurtou,  
Que tão cedo de cá me leve a ver-te  
Quão cedo dos meus olhos te levou.*

Reguengos — Junho de 1880.



# TELAS HISTORICAS





A MEMORIA

DO

MARQUEZ DE POMBAL



O GRANDE MARQUEZ





## O GRANDE MARQUEZ

---

### I

**D**ois seculos crueis d'um fanatismo bruto  
Encarnaram n'um rei carola e dissoluto.  
E o mundo viu então o quadro lastimoso  
D'um povo que foi grande, heroico e generoso,

Quebrada a tradição do seu valor potente,  
Passivo, idiota e mau, rojar-se imbecilmente  
Sobre os degraus d'um throno esphacelado e morto...

Foi el-rei D. João V esse piedoso aborto.





## II

**D**ois seculos atraz, na montanha da historia,  
Brilha como um pharol aquella immensa gloria  
Que exaltou Portugal, fazendo-o subjugar  
Os fremitos da terra e as convulsões do mar,  
E que mostra os perfis, á multidão que passa,  
D'um principe de sangue e d'um poeta de raça:  
Do infante D. Henrique e de Luiz de Camões.

Vem descendo a ladeira as longas procissões  
De povos e de reis, humildes e curvados,  
A fronte decaida, os pulsos algemados,  
Somnambulos, seguindo automaticamente,  
O espectro que atravez d'uma noite inclemente  
Os leva e os arremessa ao vortice do abysmo.

O espectro é Santo Ignacio; — a noite o jesuitismo!

Condensa-se de todo a nevoa densa e fria  
Em Alcacer-Quibir, na tragedia sombria,  
Onde o corpo d'um rei desamparado e novo  
Morreu e se enterrou no coração d'um povo.

Cachetico, a tremer na purpura real,  
Assenta-se no throno um velho cardeal.  
Esse regio imbecil teve a loucura extranha  
De entregar Portugal ás ambições da Hespanha,  
Lançando-nos assim n'um carcere profundo  
Onde, ao ver-nos soffrer, nos desprezava o mundo!  
Foi então, foi então, no escuro captiveiro,  
Que, humilhados á voz do despota estrangeiro,



Nós sentimos passar, submissos e poltrões,  
Do cruel duque d'Alba os negros esquadrões,  
Levando a ferro e fogo ás tristezas do oceano  
Um principe real de sangue lusitano.

Vae decaindo tudo em podridão e em lodo:  
Toda a nossa grandeza, o nosso orgulho todo,  
Os mais largos ideaes, a mais luzida fama,  
Os feitos varonis d'Albuquerque e do Gama,  
As conquistas d'Ormuz, de Malaca e de Goa,  
Prodigios de valor que o universo apregoa,  
Tudo se apaga emfim dos fastos da memoria.  
Debruam-se de lucto as paginas da historia,  
Quebra-se a tradição, a dignidade e o brio,  
A consciencia tem medo e o coração tem frio.  
A alma popular, desnorteada, geme  
N'um mar de escravidão, sem bussola, nem leme;  
Suffocam-nos de horror dois monstros singulares:  
São o duque de Lerma e o duque de Olivares.

Entre as garras da fé chora a razão captiva;  
Jesús morre outra vez, e o espectro de Acquaviva  
É que resurge então, sereno e onnipotente,  
Da campa solitaria ao espaço transparente!...

Continúa a descer o livido cortejo  
De povos e de reis... Um ultimo lampejo  
Esclarece um momento o escancarado abysmo...  
Solta-se a rija voz do antigo patriotismo,  
Vibrante de paixão nas solidões da noite,  
E assim como do sul o tenebroso açoite  
Agita e convulsiona um pantano maldicto,  
Tambem esse febril, nervoso e estranho grito  
Nos abala e revolve o íntimo do peito.

Realisou-se a final o velho preconceito,  
A constante visão d'esse funesto somno:  
— Um cão faminto e magro a estrangular o dono...

A Hespanha errou, caíu. — Tiram-lhe a prova real  
N'um dia a Catalunha e no outro Portugal.

Somos livres!...

Porém a decadencia avança  
De Filippe III ao duque de Bragança,  
Sanguinaria e cruel no seu caminho escuro.  
Cresce cada vez mais o putrido monturo,  
Onde a guerra desprega, esburacado e velho,

Aos vendavaes da morte, o seu pendão vermelho,  
Como nodoa de sangue a fluctuar no espaço.  
Sob o mesmo docel vivem no mesmo paço,  
Confundidos n'um só, despotico e traidor,  
Dois monarchas fataes — o rei e o inquisidor,  
A estupidez e o ardil, o cumplice e o assassino,  
O tyranno passivo e o despota leonino;  
E na consummação d'esse medonho pacto  
Jesus reina de nome e Satanaz de facto.

O sceptro cae nas mãos d'um rei devasso, rude,  
Desvairado e plebeu. Sem força nem saude,  
Mentecapto infeliz, apodreceu de medo  
A tremer e a rezar na noite do degredo,  
Imagem lastimosa, ou symbolo dorido  
D'um reino sem vigor, estúpido e perdido!...

Sobe em seguida ao throno o fraticida odiento  
Que vem marcar na historia um tragico momento:  
Abateu-nos então pela primeira vez  
O pulso rijo e são do despotismo inglez,  
Que inda hoje brutalmente o peito nos esmaga;  
Methwen foi um punhal, e abriu a eterna chaga  
Que verte o sangue e o fel das nossas agonias!





### III

**A**BREM-SE á luz do sol as ricas pedrarias  
Das minas do Brazil... As ondas rutilantes  
D'um mar de oiro a ferver em 'spuma de diamantes  
Inundam Portugal anemico e faminto;  
É um deslumbramento, um sonho!...

D. João V

Sorri devotamente. O rei famoso e forte  
Adora a gloria e quer sobreviver á morte.

Se é Deus quem lhe confia o esplendido thesoiro  
É preciso ser grato, erguer-lhe um templo de oiro,  
Pregal-o n'uma cruz de prata, cravejada  
De brilhantes de preço... e a Europa subjugada  
Ha de saber então que o rei que assim se expande,  
Se é religioso e bom, tambem sabè ser grande.

Em honra. pois, de Deus o velho Portugal  
Vae transformar-se emfim n'um templo colossal.

Que negro pesadelo! As muralhas possantes  
Parece que sómente um povo de gigantes  
As poderia erguer; e a dentro das muralhas  
Fazem-nos conceber cyclicas fornalhas,  
Derretendo no fogo os rispídos metaes,  
As columnas de bronze e os carrilhões brutaes.  
Dentro do templo assiste inteira a sociedade,  
Clero, nobreza e povo, a essa festividade  
Que gasta em pompas vãs muitas dezenas d'annos...

O monarcha executa os seus doirados planos.

Cantam soturnamente os frades opulentos  
Um canto sepulchral. Percebem-se os lamentos  
Passar do cantochão na funebre cadencia.  
Escuta-se a chorar da velha decadencia  
A alma desgrenhada, em threnos e elegias  
Que morrem a tremer nas abobadas frias!...  
Qual nuvem que escurece a intensa luz d'um sonho,  
Passa entre esse esplendor o tribunal medonho  
Do Santo Officio.

No adro accendem-se as fogueiras  
Em que o hereje alimenta as chammas carniceiras...  
O monarcha tem Breve e a Inquisição tem Bulla,  
Podem fartar de carne a monstruosa gula.  
Esmaga-se entretanto o coração do povo;  
No cerebro em que surge um pensamento novo  
Cae implacavelmente a eterna maldição;  
Algema-se a justiça, abafa-se a razão,  
Paralisa-se a alma, a sciencia desfallece;  
Nem um raio de sol as petalas aquece  
Da fina flor azul de estames de oiro—a arte;  
Os mananciaes do amor seccam por toda a parte;  
Invade os corações uma tristeza amarga  
Que os gemidos suffoca e as lagrimas embarga;

Definha-se o commercio, a industria, a agricultura,  
Tres sombras a que se abre a mesma sepultura.  
A Europa folga e ri d'esta miseria extrema,  
E pensa em resolver apenas um problema:  
Que nação herdará a immensa cathedral?  
A Hollanda? a Inglaterra? a Hespanha? a França? qual?  
Ao rei importam pouco as divisões do mappa,  
No céu existe Deus, na terra existe o papa,  
Que em troca d'uns milhões lhe manda de presente  
Um rico patriarcha e um titulo eloquente.  
Que mais quer? a que mais deve aspirar um rei?  
Póde e manda; o seu gesto é duro como a lei  
Que está na sua mão. Ninguem com mais entono  
O sceptro ergueu, de pé sobre os degraus do throno,  
Ou o manto arrastou, entre o esplendor da côrte,  
Nas grandes recepções, com mais activo porte.  
Depois, quem tem como elle a santa liberdade  
De possuir no templo, alli, muito á vontade,  
O mystico, o sensual, o erotico prazer  
De afagar o marfim d'um collo de mulher,  
Matando-lhe na bôca a sêde do infinito  
Entre os beijos do amor e as orações do rito?!

É na verdade um rei predestinado e forte,  
Cuja gloria o fará sobreviver á morte!



Tinha descido muito a longa procissão  
De povos e de reis... A magica attracção  
Que exerceu sobre nós a purpura e a roupeta  
Fez-nos descer ainda!...

A gelida ampulheta  
Em que o destino mede a duração e a vida,  
E ante a qual estrebuxa a alma espavorida,  
Encerra para nós já poucos grãos d'areia.  
A historia vae contar mais uma cova cheia;  
Morre como um covarde o heroico Portugal.  
Ninguem o salvará?...

Da escura cathedral  
Sae finalmente um dia o regio sybarita  
N'um feretro pomposo... Allucinada e afflicta,  
Chora nos corações a imagem do passado;  
É que alli não vae só o corpo inanimado  
Do velho rei defuncto... Esse feretro encerra  
O cadaver da patria. E ha de engulir a terra  
As illusões d'um povo e o orgulho d'uma raça  
Cuja gloria se apaga ao vento da desgraça?!

Pelas ruas desfila esse cortejo austero:  
Vae o estado maior da nobreza e do clero.

Balouçam-se de manso os coches hollandezes,  
Sob o intenso fulgor de rutilos jaezes.  
Caminham de vagar os cavallos da Hungria,  
De pello assetinado e crina luzidia.  
N'uma estufa real, vestido de vermelho,  
Curvado, vae rezando o patriarcha velho,  
E os conegos atraz, nas berlindas doiradas  
Que humilharam de inveja, em ricas embaixadas  
D'uma pompa oriental, a Austria e o Vaticano.  
Inda depois de morto ao Cesar soberano  
A riqueza não falta e o luxo portentoso  
Que foi o sonho, o ideal do seu poder vaidoso...  
Rematam o cortejo arautos, passavantes,  
Archeiros, pagens, tropa. As fardas deslumbrantes  
Fazem brilhar ao sol as pedras e os metaes.  
Não cessam de dobrar os sinos colossaes  
Que o rei mandou fundir — grandes moles de bronze,  
Cujo funereo som, na Italia, Clemente XI,  
Quando pensava em nós, distinctamente ouvia.

De quarto em quarto de hora estoirá a artilheria.

Ao transpor os humbraes do infinito repouso  
Nada falta ao monarcha altivo e espaventoso.

---

A religião perdeu o seu melhor vassallo;  
Roma sentiu de certo um formidando abalo  
Quando lhe ouviu cair, rude como um trovão,  
Sobre o corpo gelado a tampa do caixão.







#### IV

**N**OVEMBRO: uma manhã de clara primavera.  
O phantasma do inverno envolto se escondêra  
No seu manto de neve... um quente sol de estio  
Doirando os areaes, faiscava no rio  
Anilado e tranquillo. A alma da natureza  
Jorra a luz e dissipa as nevoas da tristeza;

Paira sobre a cidade a benção triumphal  
Do espirito que vence o espirito do mal...  
Apenas faz lembrar as tristes manhãs frias  
De novembro, a nudez das arvores esguias,  
Que tem em pleno sol os gelidos aspectos,  
A attitude e a expressão de enormes esqueletos.

Mas eis que de repente a misera Lisboa  
Solta um grito de horror que os ares atordoa.  
Abre-se a terra e estoira em convulsões estranhas,  
E ao percorrer a morte o dorso das montanhas,  
Sente-se asphyxiar em nuvens de poeira,  
N'um torvo mar de entulho, uma cidade inteira!...  
Palacios colossaes, templos e monumentos  
Sentindo-se abalar nos proprios fundamentos,  
Chocam-se e vão cair em rude cataclysmo  
Na immensa confusão d'esse medonho abysmo!  
As victimas, que horror! sepultam-se aos milhares;  
Crepes de fumo e pó vestem de lucto os ares;  
Saem monstros de fogo, alvoroçando as crinas  
Dos negros boqueirões abertos nas ruinas;  
Soluçam pelo ar queixas despedaçadas,  
Fundos gritos de dôr, satanicas risadas,  
As supplicas da fé e as pragas da loucura.  
Perturba-se a consciencia! O coração procura,

Allucinado e afficto, o peito em que pulsava,  
Nos effluvios do amor, o coração que amava,  
E encontra-o afinal submerso nos monturos  
Ou desfeito d'encontro aos destroçados muros!...  
... Hecatombe infernal! Tragedia horripilante  
Que em febre exaltaria o cerebro do Dante,  
E seria capaz de humanisar as feras,  
De lagrimas banhando os olhos das pantheras!...

E o mar! o mar! erguendo os vagalhões n'uma ancia  
De exterminio, a rugir, lançava-os a distancia  
De encontro ao caes, galgando as pavorosas brumas..  
E, amortalhando a terra em um lençol de espumas,  
Parece arremessal-a em roucos paroxismos,  
Fervilhando de raiva, ás guelgas dos abysmos!...

Mas outro mar convulso, indomito, inclemente  
Rompe os diques e sae vertiginosamente  
Dos carceres sem ar, das humidas prisões...  
São a vasa do crime, as chusmas de ladrões,  
Sem fé nem religião, as hordas desbragadas  
De assassinos crueis, consciencias apagadas,  
Odientos cannibaes que a podridão consome;

Vão-se vingar do frio e escarnecer da fome.  
E a sociedade, a mãe que os engeitava d'antes,  
Vae vel-os, ao clarão das chammas triumphantes,  
Roubando, profanando os corpos das donzellas  
Desmaiados e nus, nas sombras das viellas,  
Fazendo-as acabar depois ás punhaladas  
Entre um côro infernal de torpes gargalhadas!...

Mas sobre as convulsões d'essa montanha ardente  
Ergue-se olhando a morte imperturbavelmente  
Um vulto magestoso. A altiva placidez  
Do seu profundo olhar recorda-nos Moysés  
Nas sarças do Sinai!...

Ao ver entre as ruínas

Passar o genio mau das explosões divinas,  
Soltos á tempestade a tunica e os cabellos,  
Despedindo a fremir os raios e os flagellos  
Que a morte fabricou nas forjas dos gigantes,  
E agitando no espaço as azas gottejantes  
De lagrimas e sangue, o vulto heroico pensa  
Que se executa emfim a barbara sentença  
Do tribunal que julga os crimes das nações...  
E hão de morrer assim as ricas tradições  
Do velho Portugal, tão nobre e desgraçado?!



São pois uma chimera as glórias do passado  
E a fama singular que o mundo inteiro admira?  
É um sonho o Brazil e a India uma mentira?!...  
.....  
.....

Mas é tarde talvez!... Já não se regenera  
Uma triste nação que o crime dilacera,  
Que o fanatismo vence e a natureza esmaga!...  
N'esta hecatombe immensa, horrivel e presaga,  
Não se extingue a cratera em que estrebuxa e arde  
O cadaver d'um povo!...

«Ainda não é tarde!...»

— Gritou d'entre o estertor dos broncos escarceus  
Uma voz semelhante á colera d'um Deus—  
«Ainda não é tarde...

Os povos condemnados

São aquelles que vão, nas trevas desvairados,  
Dar a beber aos reis o sangue dos vassallos...  
Mas a justiça então, antes de condemnal-os,  
Pergunta-lhes se acaso existe algum precito  
Que junte a força ao genio e que levante um grito,  
Um protesto solemne, audaz, intransigente,  
Que obrigue a circular nas veias novamente  
O sangue da nação, que em lagrimas escorre...  
.....

Se esse protesto se ergue, essa nação não morre!

Se em Portugal houver um genio destemido  
Que o faça alevantar o corpo emmagrecido  
Do pantano em que jaz, ha de viver e ha de  
Á morte arrebatat a tragica cidade...  
Na Religião existe uma sublime prova:  
Jesus fazendo erguer o Lazaro da cova...

Lisboa não será como as cidades mortas,  
Memphys, Tyro, Carthago e Thebas das cem portas,  
Que exhibem tristemente, alvas e descarnadas,  
Nas penumbras da historia as lividas ossadas!...  
.....

Mas esse homem de genio, altivo e omnipotente,  
Necessita de ser um colosso e um crente...  
Se acaso para dar um formidando exemplo  
Tiver de apear um Deus ou de arrazar um templo,  
Não deve estremecer nem vacillar, senão  
A espada da vingança ha de cortar-lhe a mão,  
E tudo volverá aos pantanos da morte!...  
Despotico, cruel, intransigente e forte,  
Embora o coração lhe sangue entre os abrolhos,  
Que lhe não veja alguem brilhar á flor dos olhos  
Lagrimas de piedade... o bronze de que é feito

Deve-lhe endurecer o coração no peito.  
Vencerá, se tiver um cerebro possante,  
As entranhas d'um tigre e a força d'um gigante!...

.....  
.....  
Mas depois, quando houver cumprido o seu dever,  
E a patria viva e sã entre as nações se erguer,  
O genio vencedor em paga de tudo isto  
Ha de ter por mortalha a tunica do Christo,  
E, prestes a exhalar o ultimo gemido,  
Será amaldiçoado, apedrejado, arguido  
De assassino e ladrão, de infame e de falsario...

.....  
Todo o genio sublime expira n'um calvario»...

Tranquillo, o vulto heroico apenas respondeu:  
«Portugal viverá!...

Esse homem serei eu!....»







## V

**E** sse homem foi Pombal!

Traçou o enorme plano

E foi justo e cruel e grande e deshumano...

Com o pulso de bronze e a intensa claridade

D'um genio prodigioso ergueu uma cidade;

Mas redobrando o esforço e a intrepidez, então

Fez inda muito mais — ergueu uma nação!...

Tratou pois d'esmagar uma influencia mixta:  
O palacio dos reis era guardado á vista  
Por dois monstros nos quaes o seu olhar descobre  
Dois cancos sociaes: — era o jesuita e o nobre!  
Se alguem se approximava, os dois altivamente  
Gritavam: — «Quem vem lá?» — Se era fidalgo ou crente,  
Podia entrar; não sendo, os dois n'um tom amargo  
Rugiam praguejando: «Então passe de largo!...»  
A realiza dormia entre esses dois tyrannos,  
E essa guarda fiel durou duzentos annos!  
Mas Pombal, que vê n'ella o seu constante espectro,  
Quer libertar o povo emancipando o sceptro,  
E antes que a velha guarda o surprehenda e esmague,  
N'uma das mãos um gladio e na outra um azorrague,  
Subjuga-a, dando ao mundo um pavoroso exemplo,  
E expulsando depois os vendilhões do templo!...





## VI

**N**A base do tablado, aos pés do confessor  
A marquesa ajoelhou. Vergada pela dor,  
Olhos postos no chão, curva a cabeça, ouvia  
O que em face da morte e ás portas da agonia  
Deus manda que se diga...

O padre finalmente  
Apresentou-lhe a cruz, e a altiva penitente,

Depois de a ter beijado, ergueu-se majestosa,  
Serena e firme...

O sol, n'essa manhã chuvosa,  
Occulto por detraz do firmamento, havia  
Conservado a manhã soturnamente fria.  
Alinhava-se em torno ao funebre tablado  
Um troço de dragões. O povo agglomerado  
No largo de Belem ruidosamente espera  
Que o carrasco lhe mostre a sanguinaria fera  
Que quiz matar el-rei...

No emtanto com presteza  
Vae subindo os degraus a pallida marqueza;  
Nem se contrahe sequer á beira do supplicio  
A linha esculptural do seu perfil patricio.  
No aprumo e distincção d'uma infeliz rainha,  
Alta, nervosa e secca, a victima caminha  
Entre o carrasco e o padre...

A multidão ao vê-la  
Solta um grito de horror que a convulsiona e gela.  
O mar de encontro ao caes as ondas despedaça,  
Como que lamentando a funebre desgraça...



Entre as vergas das naus, entôa o vento norte  
Resposos de agonia e canticos de morte ;  
E em frente, como um sonho, atravez o nevoeiro,  
Recorta-se no espaço o lugubre mosteiro...  
A fidalga ouviu ler a asperrima sentença,  
E as lagrimas de fel, que ha muito lhe condensa  
A indomita altivez dentro do coração,  
Rebentam-lhe afinal n'uma forte explosão...  
É porque a extrema luz do seu olhar dorido  
Anteviu, no supplicio, os filhos e o marido ;  
E, oh seculos de dôr soffridos n'um inomento !  
Na tragedia sem par d'esse infernal tormento,  
Ouvia-lhes o horror dos gritos afflictivos  
Sob um maço de ferro a esmigalhal-os vivos!...

Compadecido o algoz, fel-a morrer depressa.  
Decepou-lhe d'um golpe a livida cabeça,  
Que espadanando sangue elle depois ergueu  
No seu braço trigueiro, horrivel e plebeu!...

Ao contemplar de longe essa tragedia escura,  
Vendo ao fundo do quadro a athletica figura  
Do marquez, a sorrir com a fronte emmoldurada  
Nos revoltos anneis da cabelleira empoada,

Eu, que sou homem de hoje e que protesto, em nome  
D'essa raça infeliz que a escravidão consome,  
Contra a morte brutal, sarcastica e violenta,  
De que a vingança vive e o odio se alimenta ;  
Eu, que tremo se escuto os corações afflictos  
Que na noite da historia, em supplicas e gritos,  
Dos carceres sem luz pedem por compaixão  
A Deus a liberdade e ao despota o perdão ;  
Pensei, ao contemplar o quadro deshumano,  
Que o heroe adormecêra á sombra do tyranno...  
E depois de escrever a execução funesta  
Quebrei a minha penna immaculada e honesta !

Mas então subjugou-me um sentimento falso.

Olhando novamente o negro cada falso,  
Já não vi a collear nas garras da agonia  
Uma triste mulher ensanguentada e fria...  
Vi o monstro orgulhoso, excentrico e devasso,  
Que tanto tempo andou de sentinella ao paço,  
Corrompendo a justiça, atraíçoando o rei,  
Prostituindo a honra, amordaçando a lei ;  
Vi uma classe, um erro, um dique, uma barreira,  
Desabando ao clarão da tremula fogueira ;

---

Vi o povo liberto, a nobreza abatida;  
Vi d'esse cadafalso aos páramos da vida  
Levantar-se um paiz independente e forte,  
Que um genio colossal arrebatou á morte!...

Se a razão me não mente e a vista me não illude,  
O que julgára um crime é, pois, uma virtude!

Foi salutar a pena e o exemplo foi profundo:  
Tambem n'um cadafalso el-rei D. João II  
Mandou executar o duque de Bragança;  
A nobreza luctou, sedenta de vingança,  
Mas n'essa lucta, el-rei humilhou-a e venceu,  
Cravando o seu punhal no duque de Vizeu...  
E tambem Richelieu, o austero cardeal,  
Que foi como estadista o seu mais alto ideal,  
Atacou a nobreza e subjugou no ataque  
Bassompierre, Orleans, Bonillon e Marillac!...  
N'essa lucta cruel de raiva e de vingança  
Richelieu foi brutal mas libertou a França.

Applaudo-te, portanto, a heroica intrepidez...  
Que a historia te abençoe...

Fizeste bem, marquez!





## VII

**E**ssa arvore fatal, que as almas apavora,  
Tinha escondido á terra as purpuras da aurora  
E os fulgores do sol, que ha muito não lhe entrava  
Por entre a escuridão da ramaria brava...  
Passavam-lhe por cima os broncos temporaes  
Agitando na treva as azas glaciaes...  
Em baixo o coração e o espirito vivia

N'uma noite sem fim, caliginosa e fria,  
Que apagando a razão gelava o sentimento.  
Nem uma nesga azul do velho firmamento  
Nos falava do céu! As aves palpitantes  
Fugiam-lhe a tremer das pernadas gigantes;  
Nunca se ouvia alli o filamento cheio,  
Amoroso e subtil, d'um lucido gorgeio!  
As flores infernaes d'essa arvore damninha  
Eram da côr do sangue, e o seu perfume tinha  
Um veneno mortal, fascinador e brando,  
Que ia covardemente as gerações mirrando!...

Era o roble senil do negro jesuitismo,  
Que Pombal arrasou e despenhou no abysmo.  
Mas foi preciso ter o raio fulminante,  
Cyclopico e feroz, d'um Jupiter Tonante  
E a força colossal d'um Hercules irado,  
Para arrancar-lhe á terra o tronco enraizado!...  
.....

Quando o roble caíu, dissipou-se a tristeza  
Fez-se de novo a luz, e na alma portugueza,  
Desfeitas da ignorancia as nevoas e os horrores,  
Rompeu a primavera em canticos e flores!

---

A agricultura, a arte, as industrias e a sciencia,  
Sacudindo o torpor da estranha somnolencia,  
Refundiram-se então nos moldes do progresso.  
E viu-se das nações ao esplendido congresso  
Portugal assistir, n'uma attitude ousada,  
Com o sceptro na mão e a fronte alevantada!









## VIII

C HRISTO! quando ao morrer no teu Calvario ouvias  
Carpir os temporaes, chorar as ventanias  
No dorso e nos pulmões das rusticas escarpas,  
E na torva amplidão os bandolins e as harpas  
Dos anjos que sorrindo em torno á tua cruz  
Esmaltavam no escuro um resplendor de luz;

Quando, ó martyr do amor, a sordida vingança  
No peito te cravou o ferro d'uma lança,  
E tu ergueste ao céu, de lagrimas banhados,  
Repletos de amargura os olhos resignados;  
Quando n'um desespero horripelmente humano,  
Profundo como a noite e amargo como o oceano,  
Tua mãe se abraçava ao lenho solitario,  
Envolvendo-te os pés nas dobras do sudario;  
Se alguém ao escutar-te a derradeira prece,  
Moribundo Jesus, n'essa hora te dissesse:  
«É inutil, Senhor, o teu martyrio atroz;  
A luz do teu olhar, o som da tua voz,  
O teu amor, o exemplo, a abnegação completa,  
A inspiração d'um Deus na alma d'um propheta,  
E a austera placidez da tua vida obscura,  
Tudo isso ha de baixar contigo á sepultura;  
Tu serás esquecido, e as tábuas do Evangelho  
Hão de quebrar-se assim como se quebra o espelho  
Que a imagem reproduz d'um ser idolatrado;  
O teu sangue será mais tarde envenenado,  
— O sangue que o teu corpo em borbotões derrama —  
E o teu nome, Jesus, ha de escrever-se em lama;  
A mysteriosa mão que os cultos apedreja  
Fará cair por terra o altar da tua Igreja,  
Construindo sobre elle um outro em que afinal  
A humanidade adore o espirito do mal...

Triste sonho apagado esse teu sonho, ó Christo!>

Se n'essa longa noite alguém te dissesse isto,  
Mostrava-te o futuro, ó grande visionario,  
E tu, frio e convulso, ás penhas do Calvario  
Pedirias a paz d'um jazigo profundo,  
Que o corpo te escondesse aos olhos d'este mundo...  
E morto, nunca mais resurgirias, não!...

O jesuita nasceu da tua religião  
Como o incendio da luz, como o crime do amor,  
E extinguiu-a depois n'um sopro abrazador,  
E apunhalou-lhe a fê e envenenou-lhe a crença.  
Havia d'um ao outro uma distancia immensa:  
Tu eras o perdão; elle a tortura austera;  
Tu a virtude, o bem e a liberdade; elle era.  
A ignorancia, o erro, a morte, o despotismo...  
Cavava-se entre os dois um tenebroso abysmo!  
Ninguém os poderia approximar jamais;  
Não fazem liga o ferro e os limpidos crystaes!...  
O homem, que a tua mão dos pantanos ergueu  
Ás tranquillias regiões purissimas do céu,  
Educando-o no amor alevantado e puro,

E accendendo-lhe o ideal nas brumas do futuro,  
Esse homem foi por elle escravizado e oppresso;  
Enregelou-lhe na alma a seiva do progresso,  
Fez-lhe parar o sangue e reduziu-o emfim  
Às cegas condições d'um triste manequim,  
Movendo-se ao sabor d'uma vontade alheia,  
Que o humilha, que o tortura e á morte o sentenciaia.

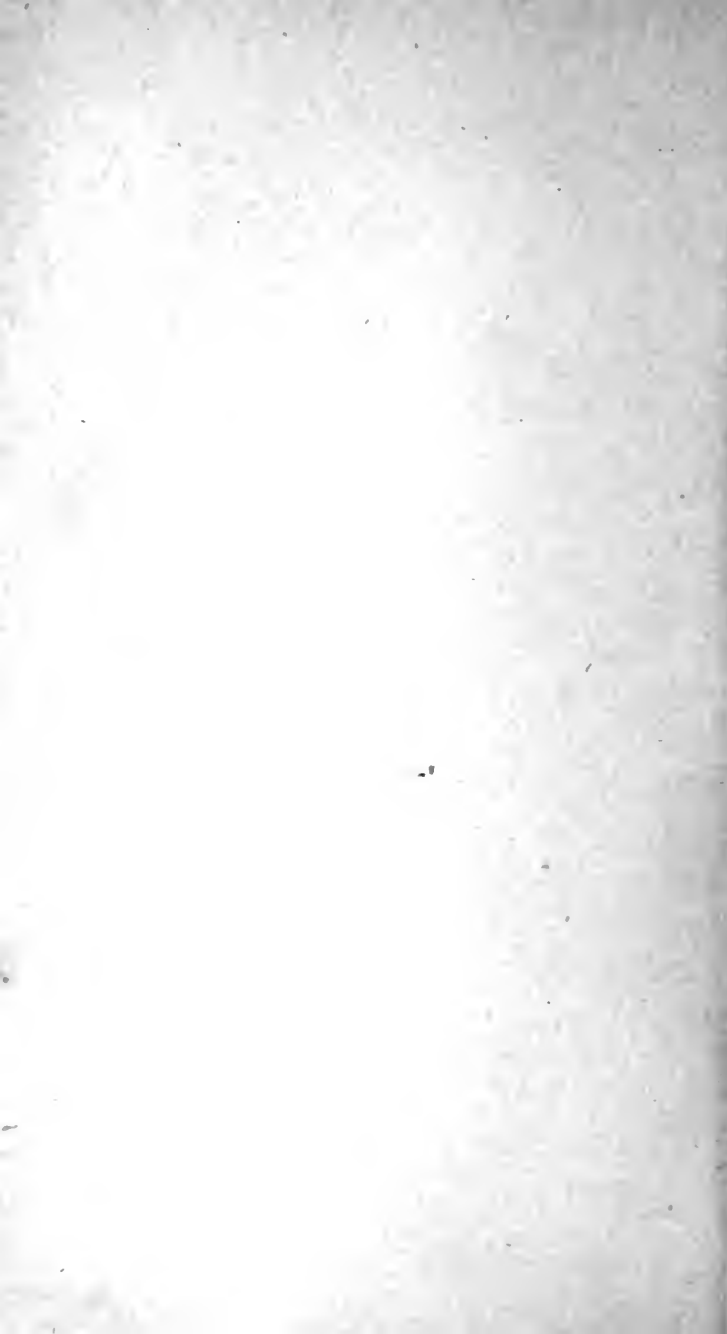
Usava do teu nome o perfido assassino  
E cumpria com elle o seu feroz destino!  
Abriam-se ao ouvil-o as petalas dormentes  
Do amor e do perdão nas almas innocentes,  
Cheias d'aquella fê grandiosa e primitiva,  
De taes abnegações, tão íntima e tão viva,  
Que desde a catacumba ao vasto Colyseu  
O sangue dos heroes e martyres verteu,  
Sangue que foi enchendo o escancarado abysmo  
Que o cadaver tragou do velho paganismo.  
Por isso é que o jesuita, em destemida sanha,  
Submetteu Portugal, a Italia, a França, a Hespanha,  
Escravizou os reis, os papas e as nações,  
Os povos chicoteou no fundo dos sertões,  
Escarneceu da lei, da honra e do direito,  
E fazia sentir junto de cada peito

---

A lamina subtil do seu punhal hervado,  
Capaz de o trespassar de um lado ao outro lado.  
.....

O homem que esmagou o jesuitismo foi,  
Alem d'um genio altivo, um denodado heroe...







## IX



**B**ATIA a escuridão, rugindo n'essa noite  
Em ameaças de morte, o desganhado açoite  
Das rajadas do sul, cujo sopro violento  
Parece que enxugára ao velho firmamento  
As lagrimas de luz. Noite assombrosa aquella!  
Não brotava sequer a vida d'uma estrella  
No céu profundo e morto!...

O brigue a todo o panno

Cortava silencioso os vagalhões do oceano.

Apagaram-se em roda os largos horisontes

Como se o firmamento, os pincaros dos montes,

As arvores, o mar, as rochas atrevidas,

As cidades da terra e as humidas guaridas

Onde crescem no escuro as algas e os coraes,

E nuvens e vulcões e homens e animaes,

A vida, a fôrma, a côr de toda a natureza,

No desespero atroz d'uma intima tristeza,

Se houvessem no borrão d'um cahos dissolvido!...

O jesuita escutava o tragico bramido

D'aquella immensidade... A consciencia inquieta

Fazia-o estremecer nas pregas da roupeta.

Em pé, no tombadilho, os braços encruzados,

Erguia tristemente os olhos encovados,

Procurando debalde o seu ardente olhar

Onde se arqueava o céu e se estendia o mar...

Que a barreira sem fim dos densos escarceus

Escondia-lhe tudo: — a natureza e Deus! —

Fôra esse o grande mal da sua vida inteira:

Sempre a falta de luz, a estúpida cegueira,



Que o não deixára ver no espelho da razão  
A face espiritual da sua religião,  
E o arrastava por fim aos pantanos do olvido  
Sem moral e sem fé, odiado e escarnecido,  
Engeitado do amor, banido pela sciencia!

Escorriam-lhe em sangue as chagas da consciencia,  
Batia-o rudemente o açoite do destino...  
Chamavam-lhe ladrão, chamavam-lhe assassino,  
E elle, que dominára os seculos passados,  
Os mais soberbos reis e os povos mais ousados;  
Que tivera a seus pés as rainhas altivas,  
Os ministros servis e as cortezãs lascivas;  
Elle, o gigante, o rei, que os thronos derribára  
Que tivera entre as mãos a purpura e a tiara,  
Repleto o coração das máguas mais sombrias,  
Crivado de irrisões, coberto de ironias,  
Obrigado a partir, barbaramente expulso  
Sobre as ondas do mar a rebramir convulso,  
Caminhava á mercê dos caprichosos ventos  
Sem ver onde o rancor dos temporaes violentos  
O iria arremessar!...

E o livido jesuita  
Debalde interrogava a escuridão maldita

Como se o proprio Deus pelo universo inteiro  
Com impeto corresse o negro reposteiro  
Da sua indignação!...

Levados pelos ventos  
Via passar na treva os vultos macilentos  
Dos grandes corypheus da ordem: Bellarmino,  
O sabio precursor do seu feroz destino,  
Aos povos ensinando a interpretar nas leis  
O modo mais legal de assassinar os reis.  
Via passar tambem, cheio de fundo horror,  
Aquaviva e Auger, Nithard o inquisidor,  
Salmeron e Laynez, o lugubre geral,  
E ouvia a doutrinar nas sombras do Escurial,  
Ante os olhos febris d'um principe, Marianna,  
O regicidio impondo á consciencia humana,  
Fazendo-a abençoar, n'um fanatismo ardente,  
A mão de Ravailac e o punhal de Clemente.  
.....

Surgiam-lhe depois n'um turbilhão phantastico  
Pascal, erguendo altivo o seu perfil sarcastico,  
Voltaire e Diderot e Holbach, os tres maiores  
D'essa raça cruel de livres pensadores

Que ha muito retalhava em golpes execrandos  
O velho coração dos cultos venerandos!

.....  
E o jesuita, a tremer de raiva e desespero,  
Via a vingança a rir na bôca de Luthero  
E Santo Ignacio ao largo olhando-o carrancudo!...

.....  
.....  
O brigue ia avançando imperturbavel, mudo!

N'essa noite Pombal, com um denodo estoico  
Fez um protesto firme, um juramento heroico:  
Moveria ao jesuita a excommunhão e a guerra  
Sem treguas, nem piedade.

Aos términos da terra  
Sendo preciso iria a sua mão potente,  
Co'a força e a indignação d'um odio intransigente,  
Exterminar de vez o torpe missionario.  
Levantaria a cruz no alto do Calvario  
Derribada por elle: ao mundo contaria  
A sua larga historia, horrivel e sombria,  
As suas ambições, cujo sopro violento  
Nas almas apagára a luz do pensamento,

Os crimes, as traições do seu poder secreto,  
Da sua vida esconsa o tenebroso aspecto;  
Ao dragão cortaria as garras aguçadas  
Com que rasgára o peito ás gerações passadas,  
E iria finalmente ao proprio Vaticano,  
Para fazer sair do foco ultramontano  
O raio que no mundo inteiro o aniquilasse...  
E depois de attingir o grande desenlace  
Poderia dormir, poderia morrer! ..

.....  
.....

Morreu, resuscitou! Cem annos são passados;  
No altar que a patria ergueu aos genios consagrados  
É hoje a festa d'elle! Apagam-se os rancores;  
O povo enche esse altar de palmas e de flores,  
E corre a ver passar nas ruas da cidade  
O despota a sorrir no andor da liberdade.



## A LENDA DO JESUITISMO





## A LENDA DO JESUITISMO

---

**V**iu a luz na Biscaia em tempos afastados,  
No castello feudal dos seus antepassados.  
Armaram-n'o depois fidalgo e cavalleiro,  
E, como era garboso, audaz e aventureiro,  
Nos torneios do amor, pugnando, se revela  
Um vencedor, um bravo ás damas de Castella.

Porque adora a riqueza e as glorias ambiciona,  
Lucta como um leão no cerco de Pamplona,  
D'onde o levam depois, ferido entre os soldados,  
Ao castello feudal dos seus antepassados.  
Transformam-se-lhe então as ambições guerreiras;  
Deslumbram-lhe a cabeça as glorias e as canceiras  
Dos martyres da fê, dos grandes penitentes  
Que venceram do inferno as hostes inclementes...

E enche-lhe toda a alma um fervoroso encanto:  
Soffrer, penitenciar-se e ser na terra um santo!

Viu descer uma noite a Virgem das alturas;  
Faiscavam-lhe em roda as finas bordaduras  
Do seu manto de seda... As madeixas doiradas  
Cingiam-lhe do rosto as tintas delicadas;  
Nos olhos tinha a paz do azul indefinido,  
Nos labios o perdão, e ao longo do vestido,  
Alvo como os jasmins, um tremulo rosario  
Das lagrimas de dor choradas no Calvario.

Ella disse-lhe então: «Oh meu amado, vem!  
Sou a mãe de Jesus, serei a tua mãe!»



---

O Jesuita partiu ao despontar da aurora;  
Abandonou da Hespanha a côrte que o namora,  
Deixou riquezas, nome, e, descalço e mendigo,  
Disse o ultimo adeus ao seu castello antigo...

Andou, andou, andou, sem destino, sem norte.  
N'esse mystico anseio irá d'encontro á morte?  
Não sabe... apenas vê, durante essa romagem,  
Da santa mãe de Deus a resignada imagem,  
Que o arrasta, que o seduz e brandamente o impelle  
A andar, fitando sempre o olhar azul no d'elle!

Pára junto do altar da Virgem de Manreza;  
Sente o travo, o amargor d'uma íntima tristeza,  
E treme, porque o mal que o coração lhe invade  
É a recordação da sua mocidade:  
Do tempo em que cedia ás rubras tentações  
Nos torneios, no amor, na guerra, nos salões!

E transido de horror, pobre alma attribulada,  
Deixa ficar no templo o capacete e a espada.

Tão grande peccador só pôde achar repouso,  
Ao serviço de Deus, n'um ermo silencioso,  
Supplicando o rigor das punições eternas,  
Em rezas e jejuns, no fundo das cavernas.

O asceta encarna então no corpo do Jesuita;  
Tortura doidamente essa carne maldita  
Na qual Satan cravou, por noites luxuriosas,  
Os dentes sensuaes e as unhas venenosas;  
Vão por isso augmentando as penas e os supplicios;  
Passam da corda ao ferro os barbaros cilicios;  
E assim purificado, em extasis subindo  
N'uma restea de sol por esse espaço infindo,  
Emergia, a sorrir, da noite transitoria  
Aos triumphos da luz, aos páramos da gloria!

Atravessava á tarde os campos e os povoados,  
Sujo, descalço, roto, os labios desbotados,  
Febricitante o olhar, incultos os cabellos,  
E ia pedir esmola á porta dos castellos...  
Quando o viam passar nas ruas e nas praças,  
Phantasma portador de pestes e desgraças,  
Fugiam a tremer as creanças e as mães,  
E ladravam-lhe atrás raivosamente os cães!

---

Na solidão, na paz dos montes colossaes,  
Devoram-no de sede os mysticos ideaes;  
Quando sobe ás regiões dos pincaros erguidos,  
Arrasta-se no chão em queixas e gemidos  
Porque lhe foge o céu, e apaga-se a miragem  
Á sua crença viva, ao seu amor selvagem!  
Precisa de dormir e descansar: mas onde?  
Que piedoso logar aos olhos se lhe esconde?  
Que tranquillo paiz, que terra abençoada  
Existe, em que a sua alma, ardente e mergulhada  
N'uma noite sem fim, veja romper a aurora  
Em cujo orvalho apague o fogo que a devora?

Talvez Jerusalem! Talvez a Palestina.

Um dia parte e segue a idéa que o fascina.  
Olhos postos no céu, caminha sem cessar;  
Intrepido atravessa as solidões do mar,  
Impellido ao sabor das gelidas nortadas,  
Cujo sopro lhe cresta as faces maceradas;  
E, se as batalhas vence ás horridas procellas,  
A Deus cabe sómente a gloria de vencel-as.  
Porque acima do mar, mais forte do que os ventos,  
Arrasta-o aquella fê que vence os elementos,

Que os diques rompe e vae, pelos espaços fôra,  
Dos carceres da noite ás explosões da aurora,  
Imperturbavel, cega, allucinada e forte,  
Na tangente subtil que passa pela morte,  
Direita ao seu ideal, d'encontro ao seu destino...

O Jesuita procura esse logar divino,  
O sepulchro onde sinta o sonhado conforto  
De ver e de beijar o proprio Christo morto,  
De ouvir distinctamente, em extasis submerso,  
O choro do Calvario, as queixas do universo  
E, pendula a bater na noite tormentosa,  
O afflicto coração da Mater dolorosa!

Chega a Jerusalem; treme de medo e frio  
Ao contemplar de perto o tumulto vasio;  
Invade-o a suggestão da velha eternidade,  
No gelo e na nudez d'aquella soledade!  
Morrer alli, tambem, n'esse deserto, aonde  
Um echo mysterioso á sua voz responde,  
E evolar-se depois, assim como Jesus,  
Do santo Djebel-Tor aos páramos da luz...  
Que ideal, que aspiração, que sêde abrazadora!

N'uma turva manhã, vinha rompendo a aurora;  
Jerusalem dormia envolta nas neblinas;  
Erguiam-se-lhe em roda espectros de ruínas,  
Dentaduras muraes e leques de palmeiras,  
E ao largo, calvejando, os craneos das cumieiras.  
Repassava-se o ar d'um biblico repouso.  
Iam cortando o areal, monotono e calmoso,  
Peregrinos christãos e tribus mauritanas,  
No triste desfilar das lentas caravanas...

Junto ao Santo Sepulchro, em sonhos embebido,  
Sagrando-lhe de mágua o coração partido,  
Orára toda a noite o asceta aventureiro!  
Tinha em frente Jesus pregado n'um madeiro,  
Triste, d'essa tristeza eternamente escura,  
Que é como a projecção da propria sepultura...  
Fallou-lhe; mas Jesus, immovel, frio, morto,  
Não respondeu!... Depois, n'um grande desconforto,  
Pediulhe que o matasse aos pés d'aquella cruz...  
Moveu-se então no lenho o corpo de Jesus!  
Ergueu o rosto, abriu as palpebras pisadas,  
E fitando-o ao clarão das lampadas sagradas,  
N'um gesto singular d'uma energia estranha,  
O seu braço estendeu mostrando-lhe a Allemanha!...

Esse gesto rasgou-lhe os crepes do mysterio;  
A noite fez-se dia; olhou o espaço ethereo  
Inundado de luz e ergueu-se triumphante.  
Oh sagrada missão que o céu n'aquelle instante  
Impõe á sua crença!

A Igreja, que se abysma  
N'esse mar a ferver de excommunhões — o scisma —,  
Necessita de alguém que a salve e purifique.  
À revolta opporá uma barreira, um dique,  
Que a obrigue a recuar; e a sua mão de ferro  
Ha de esmagar de vez o sacrilegio e o erro  
Que inflamma os corações das seitas sublevadas...

Julgou ouvir então o oceano das cruzadas,  
Tragicamente erguendo as ondas sanguinarias,  
A rebramir alem nas plagas solitarias...

E, como quem descobre um íntimo segredo,  
Parece-lhe escutar o ardente Godofredo,  
Que á conquista da cruz a humanidade incita;  
Ao longe, muito longe, a voz de Pedro o Er'mita,  
Os povos arrastando em chusma, de roldão,  
Aos barathros da morte; e na larga extensão  
Das luctas pela fê, aos outros sobranceiro,

Vê S. Luiz, rei de França, apoz o captiveiro,  
Correr a Palestina, entre povos reveis,  
A congraçar christãos e a converter infieis!

E o Jesuita sentiu, em fremitos, a gloria  
Fazendo retinir os hymnos da victoria  
E as hosannas do amor nas vibrações do espaço!

Seguiria outro rumo. A lucta braço a braço,  
Peito a peito, no campo, encarniçada e cega,  
Rasgando os corações nos odios da refrega,  
E derramando o sangue em borbotões caudaes,  
Tinha a ferrea expressão dos tempos medievaes,  
Cujos valor guerreiro e indomita fereza  
Era o epico ideal da força e da belleza.  
Seguiria outro rumo: a idéa, o pensamento!  
E assim como a corrente electrica do vento  
Leva o pollen da flor ás plagas mais distantes,  
A palavra tambem, em fulgidos cambiantes,  
A fé transportaria ao fundo dos sertões,  
Onde o erro se alastra, enchendo os corações  
Das castas virginaes!...

O pensamento! a idéa!

As armas que Jesus fundira na Judéa,

Armas com que depois, em golpes sobrehumanos,  
Conseguiu derrotar os Cesares romanos!...

Mas, ao ver-se isolado, o Jesuita, ignorante,  
Novamente caiu por terra, supplicante,  
Chorando aos pés da cruz:

«Não é possível, não!

Senhor, sinto-me velho e desvalido...» Então  
A voz rompeu emfim dos sacrosantos labios:

«Parte! Serás no mundo um sabio entre os mais sabios.»

Partiu, levando n'alma o seu segredo occulto...  
E elle, o guerreiro, o asceta, o peregrino, o adulto,  
À força de trabalho e de ambição crescente,  
Entre as creanças foi sentar-se humildemente  
Nas aulas de latim!... Como era coxo e triste  
Desafiava a troça, o epigramma, o chiste;  
Tinha uma alcunha: o «Bruxo», e quando não sabia  
As teimosas lições, é fama que pedia  
Ao seu mestre Arkebale a insolita fineza  
De o castigar tambem!...

A convicta firmeza

Com que andava a prégear uma doutrina extranha,  
Obrigou-o a fugir, a abandonar a Hespanha.



Paris, o grande centro, o coração do mundo,  
Attrahia de longe o heroico vagabundo.  
A fé, que é uma força indomita, protege-o.  
Tres annos passa alli nos claustros d'um collegio  
A estudar, a aprender e a organizar o plano  
Com que torne efficaz esse trabalho insano,  
Essa ambição febril de unificar um dia  
As religiões do norte e as crenças do meio dia,  
O oriente e o occidente, o mundo novo e o velho,  
Sob um vertice — a Cruz! e um codigo — o Evangelho!  
Vae portanto alistar o exercito, que seja  
Capaz de harmonisar as dissensões da Igreja.  
Quer soldados fieis, impavidos, estrenuos;  
Por isso attrahe, fascina os tristes e os ingenuos;  
Falla, e a sua voz tem um poder secreto,  
Uma doçura tal, e o seu dorido aspecto  
Uma tal seducção, que basta vê-lo e ouvil-o  
Para se encher de paz o coração tranquillo,  
E abrir-se na consciencia, assim como uma flor,  
Um clarão de justiça e um sorriso d'amor!...  
.....

N'uma noite subiu a ingreme ladeira  
De Montmartre, o Jesuita... A lua, sobranceira,  
Bordava no caminho as fôrmas ondulantes

Dos platanos senis; os pincaros distantes,  
À baça luz do luar, tornavam-se disformes,  
Faziam conceber pyramides enormes,  
Que guardassem no ventre as cinzas apagadas  
De altivos Pharaós... Nuvens despedaçadas,  
Véus que envolvem de leve os zephirus occultos,  
Esboçavam no azul bizarramente os vultos,  
Os corpos e os perfis de esphinges singulares,  
Vogando na corrente olympica dos ares!...

Noite cerrada. Ao pé do vasto cemiterio,  
Como as hirtas ficções d'um sonho ou d'um mysterio,  
Erguiam-se na sombra os sete companheiros,  
Os soldados leaes e fortes, os primeiros,  
D'essa grande milicia intrepida, que um dia,  
Vampiro colossal, o sangue beberia,  
Sem treguas nem pudor, á velha humanidade!

Em baixo repousava a lubrica cidade  
De Francisco I; e o prodigo monarcha,  
Que sabia de cór as rimas de Petrarcha,  
E odiava Carlos V, seu rival bilioso,  
Dormia. aguia real, no leito voluptuoso  
De Anna de Pisseleu.

Por entre o firmamento  
Rompiam os clarões d'uma manhã serena...  
Ao longe serpejava alegremente o Sena,  
Apertando Paris como uma gargantilha  
De diamantes reaes!... As torres da Bastilha  
Faziam meditar na sua historia infame!  
Vincennes, Santo Eustachio, o Louvre e Notre-Dame,  
— Os jactos colossaes da velha architectura —  
Destacavam no espaço a fôrma, a contextura  
Dos soberbos torreões — immoveis dromedarios  
Em extasis de pedra! — Ouvem-se os campanarios  
Soltando na amplidão queixas despedaçadas  
Das gargantas de bronze... As ruas e as estradas,  
Em curvas deseguaes, fazem lembrar serpentes  
Colleando atravez das arvores dormentes.

Ergueu-se d'entre o grupo estatico o Jesuita.  
A viva inquietação que o espirito lhe agita  
Faz-lhe tremer a voz e os olhos lhe mareja  
De lagrimas!...

«É triste a situação da Igreja!»,  
Disse elle, «A grande nau sossobra e vae a pique...  
É preciso que alguém, irmãos, se sacrifique.  
Jesus tambem por nós morreu crucificado...  
O oceano cresce, cresce!... Oiço de cada lado

A revolta a bramir, contaminando o clero.  
Em Worms surge e préga o rispido Lutherô,  
Que ante o povo exaltado e em face dos monarchas  
Jura a Reforma, impune!...

Ardentes heresiarchas

Chamam por toda a parte as povoações á lucta;  
Juntam á voz que arrasta o braço que executa.  
Zwingle, o republicano, o espirito revel,  
Morre como um heroe nos campos de Cappel,  
Depois de ter cuspidô em maldições, no Rheno,  
Em Zurich e em Berne, o heretico veneno,  
Cujo effeito é mortal; em furias d'assassino,  
Melanchton, Carlostadt e Munzer e Calvino  
Comprimem doidamente o peito das nações...  
Tem o odio do diabo e as garras dos leões!...  
João de Leyde, o histrião, alma perversa e bruna,  
Vence em Munster Waldeck, organisa a communa,  
E intitula-se rei!...

Fanaticas e egoistas,

O inferno faz surgir legiões de anabatistas,  
Que combatem na treva; em versos insolentes,  
Verberam-nos o rosto as satyras mordentes  
De Hutten, o allucinado!... Emfim, do sul ao norte,  
Nas searas do Senhor passa um vento de morte,  
E o universo estremece aos gritos da revolta,  
Cuja negra bandeira, aos quatro ventos sôlta,

Nós vemos tremular nas profanadas ruínas  
Das cathedraes da Escocia!

Em fogo agita as crinas  
A besta colossal d'um novo Apocalypse,  
Que prognostica ao mundo a derrocada, o eclypse  
Da Igreja Universal, Catholica, Romana.  
Pois bem; n'esta batalha impenitente e insana  
Precisâmos de entrar, amigos, com firmeza,  
Com plano e com valor. No emtanto, a nossa empreza  
Vae mais longe: procura a conversão das massas  
Que formam nos sertões as primitivas raças  
De seivagens e infieis. Vamos heroicamente  
Ensinar o Evangelho, erguer a Cruz no Oriente,  
Fazer jorrar a fê nas almas pervertidas,  
E, se preciso fôr, pagar co'as proprias vidas  
O arrojo, a convicção e a crença forte e austera,  
Que as almas varonis em Deus nos retempera,  
Em Deus, que acceita e inspira a nossa vassallagem!...

.....  
.....

Ao longe ergue-se o sol! Fragmentos de paizagem  
Inundam-se de luz, assim como um bordado  
De matizes de seda em brocatel doirado.  
Ria expansivamente em volta a natureza;

O vento adormeceu; na infinita pureza  
Do firmamento azul passam de quando em quando,  
Vibrantes de alegria, os passaros cantando;  
Nas arvores scintilla o orvalho da manhã...  
Os sete generaes da milicia christã,  
Cheios de crença viva e de animo robusto,  
Apertaram-se as mãos n'um juramento augusto.  
O mais velho, porém, dos sete levantou-se,  
Entre o grupo ajoelhado; o olhar sereno e doce  
Encheu-se de piedade; e de braço estendido  
Fez o signal da cruz n'um gesto commovido!...

Mais tarde entrou em Roma! A nova catechese  
Deslumbra a Santa Sé; e Alexandre Farnése,  
Que sente dia a dia o escuro precipicio  
Cavando-se em redor do throno pontificio,  
Reforça-a d'isenções, enche-a de privilegios,  
E manda-a combater os duros sacrilegios,  
Insultos e má fé com que a Reforma ignara  
Pretende macular a limpidez da tiara.

O Jesuita venceu resistencias e obstaculos!  
A sua mão dirige os sceptros e os baculos,  
E arrastam-se-lhe aos pés as multidões absortas!

Faz-se á vela no oceano, e o oriente abre-lhe as portas.  
Leva um ideal á India. Entra no Malabar...  
E ao seu sorriso ingenuo, á paz do seu olhar,  
Á sympathia e uncção do seu divino aspecto,  
Ao seu exemplo vivo, immaculado e recto,  
E á modestia christã com que caminha e falla  
D'um Deus cuja doutrina o rico ao pobre eguala.  
Abrem-se vivamente os corações dos parias,  
Sedentos nos areaes das praias solitarias,  
E embebe-se de luz e gosos ineffaveis  
O espirito infeliz das castas miseraveis!

Alli, sob o docel dos robles seculares,  
No silencio, na paz dos rusticos palmares,  
Ou fluctuando á flôr dos lagos transparentes,  
Como Christo, fascina as almas innocentes,  
— Almas virgens, da côr purissima dos lirios! —  
E conta-lhes então as dores, os martyrios,  
As lagrimas de fel dos olhos de Jesus,  
E a tragedia sangrenta e barbara da cruz!...  
Descreve-lhes tambem as alegrias mansas  
Que distillavam mel nas bôcas das creanças,  
Quando elle percorria os campos da Judeia;  
E fal-os admirar a tragica epopeia

D'essas luctas crueis, antigas e sinceras,  
Travadas ao ar livre entre os christãos e as feras!

E o Evangelho triumphá, e aos pés da cruz erguida  
Curva-se e chora e resa a India convertida!...

O Japão!... o Japão!...

N'uma debil falua

Affronta o grande mar das Indias. Não recua,  
Não treme! O seu intuito e o seu ideal, dirige-os  
O sopro do milagre e a vara dos prodigios!...  
Supportou o rigor das madrugadas frias,  
Soffreu a chuva, a nevoa e as mortas calmarias;  
Viu ao clarão do raio as ondas erriçadas  
—Grandes florestas d'agua!— e o choque das portadas,  
E a ancia das marés, fazendo-as estostrar  
Sem descanso, a ferver nas solidões do mar!

E a mysteriosa voz que o animava, então  
Gritou-lhe com mais força:

O Japão! o Japão!



Partiu, e entrou por fim nas praias desabridas  
D'esse extremo do oriente. As raças atrevidas,  
Orgulhosas e más, fizeram-no tremer!  
Morreria talvez cumprindo o seu dever!...

Prégou a religião, a candida doutrina  
Do Christo; e a sua voz suave e crystallina,  
D'uma eloquencia nova, irresistivel, calma,  
Fazia rebentar nos recessos da alma,  
Nas urzes da consciencia, em prismas multicores,  
Catadupas de luz e borbotões de flores!...  
Seguem-no! vão com elle as multidões nervosas  
De enthusiasmo e d'amor!... Nas cristas alterosas,  
Das serras, dominando a vastidão dos mares,  
O missionario ergueu a cruz sobre os altares  
Da sua religião!...

E apesar do Buddhismo  
Correram no Japão as aguas do baptismo!...

Sem descançar, cedendo á febre que o domina,  
Embarca-se o Jesuita em direcção á China,  
A China, a sêde d'alma, o sonho predilecto  
Da sua phantasia, e o triumpho completo

Da sua abnegação!...

Mas junto ao grande imperio

A morte descobriu-lhe o coração, e fere-o

Quando elle palpitava em jubilos de gloria!...

Ao ver approximar-se a onda transitoria,

Que entre as espumas leva a vida que se afasta,

Ouvia a voz de Deus que lhe gritava: «Basta!»

.....

.....

Agonisava o sol, em febre, no poente.

Depois de haver descripto a sua curva ardente

Adormecia emfim na paz da natureza.

Enchia os corações a languida tristeza

Das tardes tropicaes...

N'um intimo respeito,

O apostolo apertou o crucifixo ao peito,

Alevantou o olhar quasi apagado ao céu,

Onde expirava o sol!... E sorriu... e morreu!...

.....

.....

A noite condensou-se em tenebroso lucto.

O missionario vil, despotico e corrupto,

Nasceu d'aquella treva !

Ilhas e continentes,  
Mattas virgens, sertões d'arvores rescendentes,  
Às quaes dão vida e côr, esmaltando as paisagens,  
Os passaros do oriente, em rutilas plumagens ;  
Todo esse mundo ideal que a phantasia embala ;  
As joias de Pannah, de Golconda e Bengala,  
Que esmaltaram de Akbar os cofres deslumbrantes ;  
A força submettida ao espirito : elephantes  
De pavilhões no dorso afugentando as feras ;  
Selvagens dando caça aos tigres e às pantheras ;  
A opulencia sem par d'essas vastas regiões  
Do oiro e do diamante, excita as ambições  
Do terrivel Jesuita !... A fé que elle propaga  
E a religião que ensina é mentirosa e aziaga ;  
Impugna a crença antiga. O Christo flagellado,  
Na tragedia da cruz, despreza-o, comparado  
À riqueza e esplendor dos idolos indianos ;  
Ama os deuses pagãos e os symbolos profanos ;  
Detesta da humanidade as formulas singelas ;  
As ameaças da morte, a furia das procellas,  
As insomnias no mar e a fome nos sertões,  
Merecem o clamor das suas maldições !  
Pratica no Japão a torpe malvadez  
De cuspir n'uma cruz e de a calcar aos pés !  
Exalta, simplesmente, os grandes e opulentos ;

Por isso a sua mão recusa os sacramentos  
Aos parias, que o rancor de tão soberbo egoismo  
Põe fóra d'este novo e extranho christianismo!  
Indigna-se ao sabel-o o Papa austero e bom;  
Envia a toda a pressa o cardeal Tournon,  
Que foi morrer-lhe às mãos, de fome e nostalgia,  
No pantano sem ar d'uma prisão sombria!

O missionario lança as vistas arditas  
Á America do Sul...

Nas margens pantanosas  
Do ardente Paraguay alastra e consolida  
A sua preversão feroz e desmedida!  
É rei! manda e castiga, impõe-se, ordena e mata.  
Desde Minas-Geraes ao Paraná desata  
O curso venenoso, horrivel e sangrento,  
Das suas ambições, do seu poder violento!...  
Dá caçadas ao indio assim como ao leão;  
E opprime e domestica os guaranys, que vão  
Submissos e de rojo, a alma assombrada e inquieta,  
Beijar-lhe a mão nervosa e a fimbria da roupeta!...  
Tremem sob a chibata altiva que os aterra;  
E andando todo o dia a trabalhar na terra

Vão á noite depôr o misero salario,  
A tremerem de medo, aos pés do missionario!...

Na Europa condensou tres seculos de treva!...  
A sua indole má, desapiedada e seva,  
Apossa-se dos reis, dos papas, dos ministros,  
E algema-os!...

Ao clarão dos dramas mais sinistros

Vê-se passar, ao fundo, o lugubre Jesuita,  
Que as cabeças humilha e os corações irrita,  
Espalhando a sizania, a fraude, a intriga, o erro!  
Na sua compleição ha linhas de aço e ferro;  
Tem venenos subtis as suas mãos esguias,  
Cruzadas sobre o peito e eternamente frias!...  
No seu espirito ha sempre um calculo profundo:  
Subjugar as nações, avassallar o mundo,  
Embora faça ruir no mesmo precipicio  
As cathedras reaes e o throno pontificio!  
Na Hespanha, em Portugal, em Napoles, na França,  
Na Austria e na Inglaterra, o seu vigor não cança,  
Tem a força brutal das temperas antigas;  
Urde, propaga, anima as fraudes e as intrigas;  
É elle quem concebe e quem promulga as leis;  
Ensina as cortezãs a atraçoar os reis;  
Manda matar sem dó, manda roubar sem conto,

E traz o seu punhal sempre aguçado e prompto,  
Para não lhe escapar o momento adequado,  
O ensejo de o cravar n'um peito condemnado !

Por isso succumbiu tres seculos depois,  
Sem lhe cingir a fronte a c'roa dos heroes,  
Nem tão pouco o esplendor dos genios consagrados.  
O odio, as reacções dos povos indignados,  
E a desforra dos reis, n'um generoso esforço,  
Expulsaram-no emfim...

Negro como um remorso,  
O colosso brutal, o athletico gigante,  
Desfallecido, foi, submisso e agonisante,  
Curvar aos pés do Papa a fronte ensanguentada...

O Papa deu-lhe então a ultima estocada !

Bem hajas, Ganganelli !...



ACABADO DE IMPRIMIR

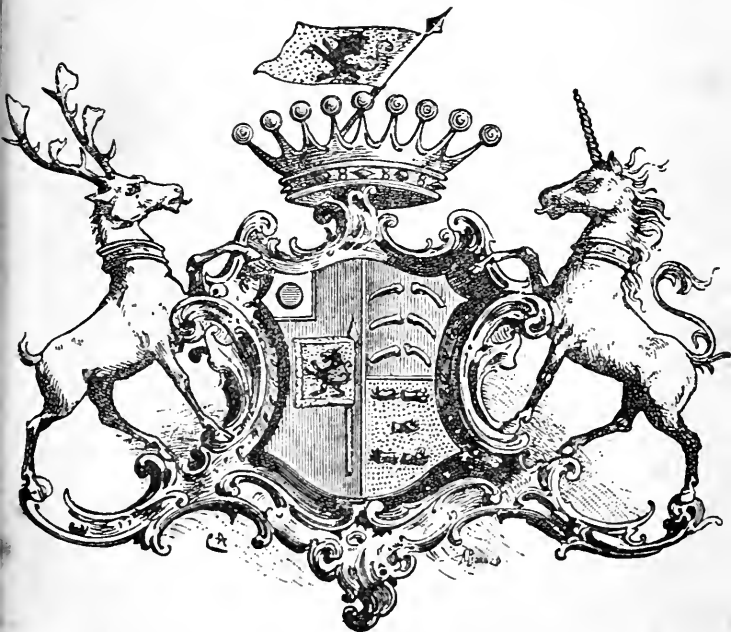
aos 16 de Fevereiro de mil oitocentos noventa e cinco

NOS PRELOS DA

IMPrensa NACIONAL

À custa do Ex.<sup>mo</sup> Sr.

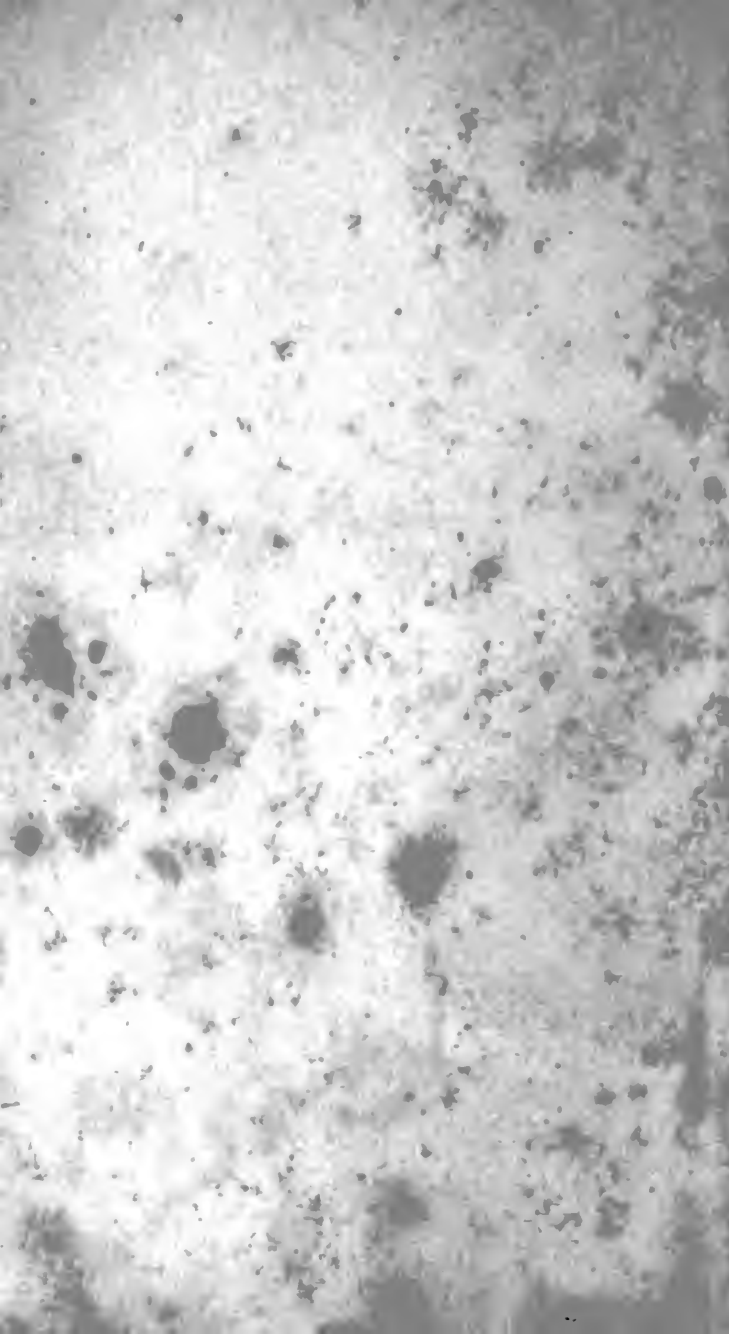
CONDE DE PORTO COVO DA BANDEIRA

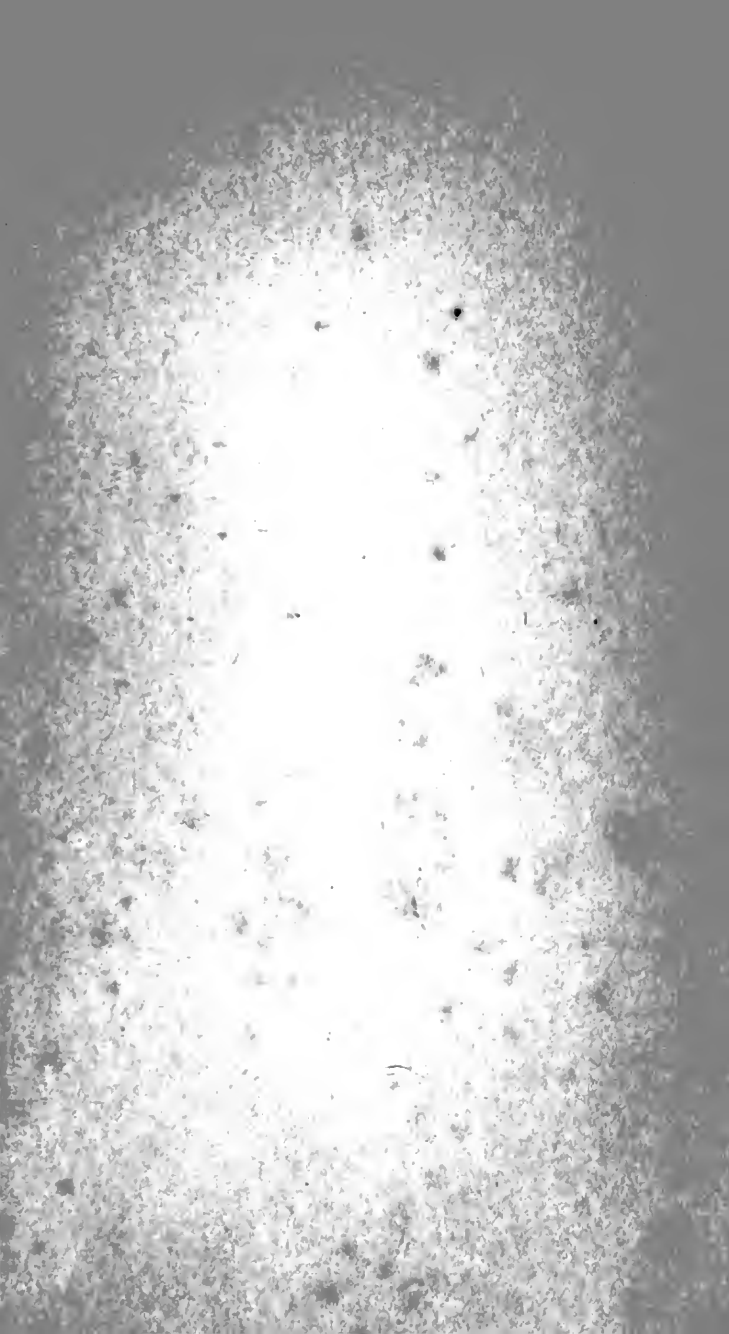


















**PLEASE DO NOT REMOVE  
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKE**

---

**UNIVERSITY OF TORONTO LIBRAR**

---

PQ  
S261  
M643A6  
1895  
C.1  
ROBA

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C  
39 10 03 25 04 003 1